

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
*CAMPUS* DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

MARINDIA BORGES PAINI

**COSTURANDO VIDAS: CONFLITOS E CONTRADIÇÕES NA EXPERIÊNCIA DE  
TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO (AMPÉRE-PR, 1990-2010)**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR  
2012

MARINDIA BORGES PAINI

**COSTURANDO VIDAS: CONFLITOS E CONTRADIÇÕES NA EXPERIÊNCIA  
DE TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO (AMPÉRE-PR,  
1990-2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Sheille Soares de Freitas, apresentado à banca examinadora do curso de História da UNIOESTE – *campus* de Marechal Cândido Rondon, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR  
2012

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida!

Agradeço aos meus pais Arestides e Maria pelo amor incondicional e que não mediram esforços para que eu pudesse concluir o curso, sempre me incentivando a não desistir de meus objetivos e a suportar a distância que nos separava, e por acreditarem em mim, até quando eu mesma já não acreditava. Agradeço pelo apoio e incentivo que me deram, foi por isso que consegui forças para não desistir e só cheguei aonde cheguei graças a vocês! Muito obrigada.

Agradeço também à minha irmã Indiamara que sempre esteve ao meu lado, nos bons e maus momentos, sempre me apoiando e me dando força.

Agradeço a toda minha família por todos os momentos maravilhosos que passamos juntos, pelo apoio e carinho. Também à minha avó que não está mais entre nós, mas que me ensinou muito sobre a vida.

Agradeço às minhas amigas, que durante os anos da graduação supriram, de uma forma ou de outra, a ausência da minha família, estando sempre ao meu lado, dando força para seguir em frente, por meio da cumplicidade, do carinho de cada uma, do companheirismo nos momentos de alegrias e tristezas. Por me mostrarem o valor da amizade Fernanda, Mayara, Neli, Diana, vocês estarão sempre no meu coração. Agradeço também a Alessandra... que nos trouxe a alegria de sua presença nos dois primeiros anos de faculdade. Vou levar um pouquinho de cada uma de vocês comigo, para sempre.

Agradeço aos amigos de toda a vida que sempre estarão presentes, mesmo com a distância que nos separa: Adriana, Raciana e Ricardo, obrigada pela cumplicidade e amizade. “Amigos para sempre é o que nós iremos ser, na primavera ou em qualquer das estações, nas horas tristes nos momentos de prazer. Amigos para sempre”!

Agradeço ao amor da minha vida, Diego, que esteve ao meu lado durante os últimos três anos e seis meses, sempre me apoiando e dando força em todos os momentos. Meu “Bem”, muito obrigada pelas broncas necessárias, pela ajuda, pelas palavras de carinho, por secar as lágrimas nos momentos de dificuldade, pelo seu amor, pela felicidade que me proporciona e por estar sempre presente em minha vida. E, acima de tudo, obrigada por me mostrar o verdadeiro amor.

Agradeço também ao Pedro, Marta e a Carol que me acolheram com todo amor e carinho, deixando que eu fizesse parte da sua família. Amo todos vocês!

Agradeço a Profª. Drª. Sheille Soares de Freitas pela convivência, atenção, pela sua compreensão, incentivo, amizade e pelos momentos compartilhados ao longo desses anos.

Agradeço também aos trabalhadores que me concederam as entrevistas para realização desse trabalho, quero que saibam que foram muito importantes para que esse trabalho se concretizasse.

Agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, apoiaram e tornaram possível essa minha caminhada! O meu muito Obrigado.

*Quantas chances desperdicei,  
Quando o que eu mais queria  
Era provar pra todo o mundo  
Que eu não precisava  
Provar nada pra ninguém.*

*(...)*

*Já não me preocupo se eu não sei por que.  
Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê  
E eu sei que você sabe, quase sem querer  
Que eu vejo o mesmo que você.*

*(...)*

*Tão correto e tão bonito  
O infinito é realmente  
Um dos deuses mais lindos!  
Sei que, às vezes, uso  
Palavras repetidas,  
Mas quais são as palavras  
Que nunca são ditas?*

Trechos da Música “Quase sem querer” Legião Urbana  
Composição: Dado Villa-Lobos / Renato Russo / Renato Rocha

## **RESUMO**

Essa produção monográfica teve como foco de investigação as relações de trabalho na indústria do vestuário em Ampére-PR, particularmente envolvendo trabalhadores do processo de produção na Krindges Industrial Ltda. O interesse foi destacar as alterações de investimentos e perspectivas de produção a partir da década de 1990 na cidade e que mudanças na vida de trabalhadores se inserem nesse processo. O interesse é problematizar as relações de trabalho, associadas ao modo de vida desses sujeitos, evidenciando como as condições de trabalho permitem discutir contradições e as relações de poder em análise; que conjugam trabalho, exploração, doenças e expectativas de mudança na condição de classe dos trabalhadores. Portanto, o intuito é problematizar esse processo contraditório em que se faz a agenda dos trabalhadores ao viverem em Ampére. Ao utilizar os processos trabalhistas procurei investigar as pressões e as doenças adquiridas pelos trabalhadores na Indústria e como esse conflito era encaminhado judicialmente. Através das revistas, jornais e informativos foi possível confrontar as memórias produzidas e as práticas que ganham visibilidade nesses materiais sobre as relações de trabalho e transformações nas relações sociais em Ampére. O trato das fontes orais procurou dinamizar o diálogo com esses trabalhadores, pretendendo problematizar seus receios e práticas, de modo a compreender os sentidos do trabalhar e viver na sociedade capitalista contemporânea, analisando as pressões expressas também em silêncios e recusas diante das desigualdades experimentadas enquanto trabalhadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalhadores, Relações de trabalho, Saúde do trabalhador, Indústria do Vestuário, Ampére.

## **LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACEAMP - Associação Comercial e Empresarial de Ampére

APL - Rede de Arranjos Produtivos Locais

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CEPPE - Pesquisa de Mercado e Mapeamento Empresarial

CIPA- Comissão Interna de Prevenção de Acidentes

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

## **LISTA DE IMAGENS**

IMAGEM I – Localização de Ampére no Estado do Paraná.....	13
IMAGEM II - Funcionários Krindges.....	59
IMAGEM III – Trabalhadores da Indústria Krindges.....	62

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 - Número total de estabelecimentos no município de Ampére (1985 a 2010).....	32
TABELA 2 - Ranking do Grau de Satisfação da População sobre os Diversos Sistemas do Município.....	33
TABELA 3- Número de empregos e estabelecimentos no segmento de confecções – 2004.....	42
TABELA 4 - Área das propriedades em Vargem Bonita, Ampére-PR.....	50

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO I – Alterações populacionais na área urbana e rural de Ampére-Pr.....	45
---	----

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I - Ampère: "Um ótimo lugar para se viver"?</b> .....	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO II - Trabalhadores, entre a saúde e o trabalho: relações de poder e condições de trabalho na indústria de vestuário.....</b>	<b>55</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>74</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>79</b>

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho propõe discutir o modo como determinados trabalhadores lidaram com pressões para o trabalho e constituição de expectativas para o seu viver em Ampére-PR, principalmente ao decidirem se relacionar com a Krindges Industrial Ltda., indústria de vestuário com maior produtividade e postos de trabalho na cidade<sup>1</sup>. A tentativa foi investigar que problemas e conquistas os trabalhadores apresentam ao interpretarem essa relação de trabalho em suas trajetórias.

Todo esse processo, construído a partir de alterações nos postos e relações de trabalho vinculadas à indústria de vestuário, é uma mudança que tem a década de 1990 como um momento que merece ser problematizado, principalmente pelo incentivo e promoção de junções e expansão de atividades que até então não possuía a expressão no mercado da cidade e que vai se intensificar no final do séc. XX e início do séc. XXI, tendo destaque, inclusive no âmbito nacional, sendo então essa a temporalidade privilegiada na pesquisa.

Na década de 1990 foram criadas leis municipais de incentivos a indústria, como a Lei 490/90 e Lei 522/90, que permitiam que o poder público efetuasse investimentos para a construção de barracões industriais. Na lei 490/90 o empresário recebe um barracão dotado de toda infraestrutura, com o direito de uso gratuito por dez anos. A lei 522/90 indica que o município concede o terreno com água, energia, terraplenagem e pavimentação e o empresário complementa o investimento, com o direito a posse definitiva após cinco anos de atividade<sup>2</sup>.

Esse procedimento é divulgado nas páginas da revista comemorativa, procurando indicar a parceria entre ACEAMP e Prefeitura, “64 empresas já estão produzindo em Ampére, gerando 2,5 mil empregos diretos. Ampére tem um programa de industrialização considerado modelo na região e que é responsável por quase 40% da arrecadação do município<sup>3</sup>”.

---

<sup>1</sup> <http://www.krindges.com.br>

<sup>2</sup> ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Francisco Beltrão: Editora Jornal de Beltrão S/A. Dezembro de 1995, p. 27 e 28. Edição Especial da III FICAMP. Nessas páginas mencionam a Lei 490/90, em que são concedidos barracões para os empresários do setor industrial e a Lei 522/90, em que se destaca a concessão aos empresários de terreno com área total de 121.000m<sup>2</sup> para a construção dos barracões.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 27 e 28.

Com o objetivo de fazer de Ampére um município de Progresso industrial esses investimentos são constantemente renovados. Mas isso motiva a repensar esse processo, avaliando como os trabalhadores interpretam e se relacionam com essas proposições, problematizando a tranquilidade indicada para esse processo, seja nas produções da empresa, seja associando o "desenvolvimento da cidade" a esses empreendimentos. Ao realizar essa investigação o objetivo é apontar desigualdades e alianças que se firmaram para tais propósitos.

A imagem I, apresentada a seguir, ressalta a localização da cidade de Ampére no Estado do Paraná. Mesmo Ampére possuindo apenas 17.308 habitantes, conforme dados do IBGE (2010), considero sua participação no mercado de vestuário significativa para compor essa pesquisa, seja pelo destaque que ganha no meio empresarial e pelo apelo midiático, seja pelas práticas dos trabalhadores que na sociedade capitalista atual.

### Imagem I – Localização de Ampére no Estado do Paraná



Fonte: IPARDES. Disponível em:

[http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85640&btOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85640&btOk=ok) Acesso em agosto de 2011.

A matéria do Jornal de Beltrão, de 2010, traz mais uma vez essa menção, “Ampére: um modelo de industrialização entre os pequenos municípios”<sup>4</sup>, apontando que Ampére possui 83 indústrias, que representam atualmente para o município 45% da arrecadação de impostos da Prefeitura e, ainda, traz as informações do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) destacando que Ampére conta hoje com 4.800 empregos formais.

Uma construção que procura retirar de foco as dificuldades e exploração dos trabalhadores que viabilizam a produção, o aumento contínuo de produtividade a baixos

---

<sup>4</sup> NONE. Ampére: um modelo de industrialização entre os pequenos municípios. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão. 29 de maio de 2010. Regional. Disponível em: <http://www.jornaldebetrão.com.br/regional/ampere-um-modelo-de-industrializacao-entre-os-pequenos-municipios-50811/> Acesso em Outubro de 2012.

salários. Tais considerações sobre o processo de atuação industrial na cidade procura indicar uma aceitação e certo compartilhamento tranquilo da forma como se conduziu e se propõe essa atividade em Ampére.

Para narrar esse "modelo" que deu certo a matéria também se utiliza da narrativa e trajetória de trabalhadores, porém o interesse é promover as empresas e positivar a prática de vínculo a esse trabalho. O Jornal traz a rotina de um casal de trabalhadores vinculados aos dois setores industriais da cidade de maior empregabilidade, representados pela Ghel'Plus (produção de pias) e Krindges (vestuário). A narrativa, editada na matéria, ressalta a satisfação dos trabalhadores com as atividades que realizam e como a expansão industrial incentiva outros postos de trabalho na cidade, disputando com outras interpretações que polemizam as condições de trabalho e de vida de muitos trabalhadores na cidade.

Além dessa ênfase, a matéria vai destacar a atuação pessoal de empreendedores (políticos e empresários) que ampliaram os investimentos que se restringiam a exploração da madeira e agricultura até a década de 1980, valorizando o marco de atuação de determinados grupos na Prefeitura e de "empresários" da cidade que investiram na produção industrial.

A referência da cidade no âmbito da indústria do setor de vestuário permite discutir não só o fluxo de trabalhadores para esse ramo, mas as condições de trabalho no tempo presente e as possibilidades de trabalhadores transformarem essas relações e construir certas expectativas e relações de trabalho com o setor industrial.

Além disso, essa intenção de pesquisa também foi motivada ao consultar os índices de empregabilidade na cidade, divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED nos últimos 10 anos. Nesses índices a ocupação de trabalhadores em atividades vinculadas ao setor de vestuário tem expressiva predominância nas contratações formais<sup>5</sup>.

As motivações para a produção desse trabalho também se vinculam ao projeto de Iniciação Científica Voluntária, realizado entre outubro de 2010 e outubro de 2011<sup>6</sup>. Nesse trabalho, busquei investigar as relações de trabalho e modos de viver dos

---

<sup>5</sup> Sobre essa questão, analisei os índices anuais de 2000 até o primeiro semestre de 2011, em listagens formuladas a partir das "ocupações que mais admitiram". Esse material está disponível no site: [http://perfildomunicipio.caged.gov.br/seleciona\\_uf\\_consulta.asp?uf=pr](http://perfildomunicipio.caged.gov.br/seleciona_uf_consulta.asp?uf=pr) Acesso em: agosto de 2011.

<sup>6</sup> PAINI, Maríndia B. Costurando vidas: das condições de trabalho na Krindges ao modo de viver dos trabalhadores na cidade (Ampére – PR, 1977-2010). Projeto de Iniciação Científica Voluntária sob orientação da Profª. Drª. Sheille Soares de Freitas. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon. Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa História Social do Trabalho e da Cidade e Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais.

trabalhadores da Indústria de Confeção Krindges em Ampére-PR. Ao fazer isso, procurei problematizar questões vinculadas à saúde do trabalhador e às relações de trabalho firmadas na/com a empresa de maior expressividade no município, que compõe mercado de trabalho significativo em Ampére, por isso o interesse pelos trabalhadores que se vincularam à Krindges.

Essa escolha, primeiramente, foi em razão de residir na cidade com meus pais durante muito tempo e ter o interesse em realizar uma pesquisa sobre onde nasci. Em segundo lugar, foi por me incomodar com a visão difundida pelos meios de comunicação do município e da região, assim como pelo Poder Público, apontando Ampére como uma cidade que se sustenta pelo Pólo Industrial que possui<sup>7</sup>, o que se contradiz ao avaliarmos as condições de vida, associadas às relações de trabalho que grande parte vivencia em Ampére.

De acordo com os índices apresentados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES - em 2011 as indústrias se destacam como a atividade econômica que mais proporciona lucros e empregos para a cidade, ou seja, 2.179 pessoas trabalham diretamente nas indústrias, sendo que 1.512 só nas indústrias de vestuário, em que, atualmente, 800 se encontram trabalhando na Krindges<sup>8</sup>.

A autora Saquet destaca em seu texto que em 2008 a empresa Krindges possuía naquele momento, 1500 funcionários, prestando serviços às empresas Renner e C&A<sup>9</sup> Mas nestes últimos 4 anos houve uma redução significativa de trabalhadores e maior implantação de maquinário e ampliação da terceirização (serviços de pequenas facções da cidade), por garantir um custo mais satisfatório na produção, o que na fala com os trabalhadores aparece nos baixos salários mantidos pela indústria. Essa redução no número de trabalhadores ocasionou uma série de demissões e também uma intensificação do trabalho e pressão sobre aqueles que permanecem. As facções ainda encaminham relações de trabalho ainda mais precárias, pois pagam salários menores, com uma produção sem condições necessárias de manutenção de bom

---

<sup>7</sup> Conferir site da Prefeitura Municipal de Ampére:< [www.ampere.pr.gov.br](http://www.ampere.pr.gov.br)>.

<sup>8</sup> De acordo com informações do setor de Recursos Humanos, a empresa possuiu 800 funcionários, o que sugere uma intensificação do trabalho, com um número cada vez mais reduzido de funcionários, ainda que a produção tenha aumentado, haja vista que a empresa tem expandido mercado e investimento em maquinários e filiais, que intensificam o trabalho e diminuem a contratação e manutenção de certos cargos.

<sup>9</sup> SAQUET, Danieli B. A expansão da indústria de confecções no sudoeste do Paraná, **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, jul./dez. 2008 p.74.

acondiçãoamento de máquinas e trabalhadores, compartilhando do agravamento da saúde de muitos trabalhadores do ramo de vestuário.

O incômodo com as condições de vida de determinados trabalhadores e a relação desses com a expansão industrial foi formulado ao longo da minha trajetória acadêmica, principalmente diante da problematização das relações capitalistas e do processo de exploração e luta dos trabalhadores na contemporaneidade, indicada, muitas vezes, pelas tensões sindicais, processos trabalhistas, alterações na dinâmica de trabalho, desistência dos cargos etc.

Essa pesquisa foi desenvolvida a partir da dinâmica que integra a reflexão teórica da problemática e o processo de levantamento e análise de fontes. Essa direção de abordagem se inspira nas proposições de Thompson sobre o diálogo entre teoria e evidência histórica<sup>10</sup>.

O objetivo de pautar essa discussão é construir, ao longo da investigação, os caminhos para a produção do conhecimento histórico em um processo de recolocar a teoria a partir das questões e incômodos produzidos no trato das fontes. Nesse caso, discutir a condição de expansão industrial capitalista a partir das interpretações e práticas de trabalhadores nesse processo.

A análise da obra de Edward Palmer Thompson, em particular o texto *Padrões e Experiências*<sup>11</sup>, enquanto incorporação de procedimento a essa pesquisa, trouxe à tona a preocupação do autor em compreender como os trabalhadores ingleses lidaram com a transformação das relações de trabalho, associadas à sua condição de morar, cuidar da saúde, alimentar-se e organizar seu tempo e atividades.

O autor problematiza não somente as condições de trabalho dessas pessoas, como também a condição compartilhada, sugerindo como as novas relações nas cidades industriais eram difíceis para esses sujeitos, exigindo solidariedades e, em outros momentos confrontações: moradias insalubres, problemas de saúde, falta de acesso à escolarização, longas jornadas de trabalho, falta de creches e transporte.

Dentre outras questões, esses eram indícios da realidade dos trabalhadores ingleses, da exploração e limitações nas suas condições de vida. O autor também destaca as doenças causadas devido às longas jornadas de trabalho e dieta alimentar insuficiente pelo alto custo de vida que enfrentavam, somado a isso havia as condições

---

<sup>10</sup> THOMPSON, E. P. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

<sup>11</sup> THOMPSON, E.P. *Padrões e Experiências*. In: \_\_\_\_\_. **A Formação da classe Operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 179-224.

insalubres em que moravam e trabalhavam, como também o excesso de trabalho e restrito descanso a que estavam pressionados a ter.

O incômodo de Thompson com essas questões me motivou a perceber as mudanças e permanências dessa confrontação classista nas práticas capitalistas do tempo presente envolvendo a produção industrial. As evidências de pesquisa indicam o quanto às relações de trabalho e as condições de vida de determinados trabalhadores ainda são tensas e desiguais, estimulando a pensar a experiência industrial em Ampère como significativa para a problematização dessas relações capitalistas de exploração dos trabalhadores.

Ao investigar as mudanças na sociedade inglesa diante do processo de industrialização, Thompson aponta que os donos de fábricas utilizavam de artimanhas para amenizar a percepção desse controle excessivo do tempo de forma que beneficiasse os próprios empregadores como, por exemplo, a tentativa de controle do tempo com a utilização dos relógios<sup>12</sup>.

Thompson aponta que as pressões – sobre os costumes e o tempo dos trabalhadores – pretendiam alterar o modo como lidavam com o trabalho, sociabilidades e tempo livre, principalmente ao terem que lidar com alarmes, sinos, relógios, multas, supervisão, ensino, supressão do lazer e as “cartilhas disciplinares” das fábricas. Essas práticas indicam uma prática que vem se processando em forma de disputa desigual sobre o uso do tempo e o modo como se deveria viver e trabalhar, ou melhor, como os industriais gostariam que os trabalhadores vivessem só para trabalhar:

Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu "próprio" tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando o reduzem a dinheiro. O tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.<sup>13</sup>

Thompson sugere que a partir da expansão das práticas industriais como parte importante do setor econômico e dos postos de trabalho, o relógio passou de símbolo de status a controle social. O autor destaca que o relógio expressava práticas de regulação do ritmo de vida na sociedade inglesa e, também, passou a ser uma das mais novas

---

<sup>12</sup>THOMPSON, E.P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 289.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 272.

atuações sobre o tempo do trabalhador que o capitalismo industrial precisava para impulsionar o seu avanço e aumento do tempo útil na produção.

Essas práticas de regulamentação do ritmo dos trabalhadores, discutidas enfocando a sociedade inglesa do séc. XVIII e XIX fazem parte das relações de trabalho de constituição da sociedade capitalista, indicando uma intensa pressão por parte dos empregadores para uma produção cada vez maior e em menos tempo. Isso significa que o trabalhador não tem apenas seu ritmo de trabalho acelerado, com o advento da maquinaria, mas sua vida como um todo se altera.

Marx, ao discutir a presença da maquinaria no setor produtivo destaca a dinâmica do trabalho fabril para o trabalhador:

Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual. Mesmo a facilitação do trabalho torna-se um meio de tortura, já que a máquina não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo. Toda produção capitalista, à medida que ela não é apenas processo de trabalho, mas ao mesmo tempo processo de valorização do capital, tem em comum o fato de que não é o trabalhador quem usa as condições de trabalho, mas, que, pelo contrário, são as condições de trabalho que usam o trabalhador.<sup>14</sup>

Quando menciona que "a máquina não livra o trabalhador do trabalho" o autor sugere que a máquina conseguiu potencializar a produção, daí a valorização do capital e intensificação da exploração do trabalhador, pois a agilidade do processo de produção, a divisão e especialização do trabalho colocam em condições ainda mais desiguais as relações de trabalho e o papel do trabalhador nesse processo. É a máquina, atendendo aos interesses patronais, que determina as condições de trabalho às quais o trabalhador deve se subordinar, pois é ela agora que diz o que e como ele deve produzir (ritmo, movimentos, tempo etc.).

A preocupação com a saúde do trabalhador, perante o aprofundamento desse processo, apresenta-se hoje como uma temática bastante debatida na academia, nas mais variadas vertentes que se propõe a investigar as relações de trabalho contemporâneas e, em particular, envolvendo trabalhadores vinculados a indústrias do vestuário. Dentre essas produções destaco a dissertação de Antonio Carlos Garcia Junior<sup>15</sup> que buscou

---

<sup>14</sup> MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1988, v. 1, Tomo II, p .43.

<sup>15</sup> GARCIA JUNIOR. Antonio C. **Condições de Trabalho e Saúde dos trabalhadores da Indústria do Vestuário em Colatina ES**. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

discutir os problemas de saúde enfrentados pelos trabalhadores da indústria de Colatina-ES, realizando um questionário com 432 trabalhadores, onde percebeu que as condições de trabalho oferecidas nessas indústrias prejudicam a saúde dos trabalhadores, com tarefas realizadas em ritmos excessivos, controle rígido, movimentos repetitivos e de pouca valorização do intelecto do trabalhador.

Há ainda, o trabalho de Andrei Pereira Pernambuco<sup>16</sup> que objetivou analisar a relação entre saúde e trabalho nas indústrias do vestuário da cidade de Formiga-MG. O autor realizou pesquisa por meio de questionários em 21 empresas e com 200 trabalhadores. Os resultados que ele conseguiu obter evidenciaram uma alta presença de doenças ocupacionais, assim como vários elementos que favoreciam a ocorrência de doenças do trabalho, como as cadeiras inadequadas para o trabalho. Além disso, Pernambuco analisou a falta de descanso dos trabalhadores, que, na sua avaliação, ainda não se atentaram para a diversidade de fatores de risco que vem levando os trabalhadores ao adoecimento.

Essas discussões auxiliaram na percepção que os enfrentamentos de trabalhadores da indústria de vestuário em Ampére fazem parte de uma realidade comum a outros trabalhadores em relação à exploração e condições de trabalho, salários e modo como organizam suas vidas ao se relacionam com essas fábricas.

A leitura do texto de Godoy<sup>17</sup>, que procura "mapear um certo campo de pesquisa, identificando o que já se fez e as novas possibilidades em curso"<sup>18</sup>, indicou o suporte teórico que informa como determinadas produções, que tematizaram o trabalho fabril no Brasil, constituíram-se no debate acadêmico, ou seja, o autor apresenta perspectivas que abordaram a fábrica e o mundo fabril.

O autor aponta as influências para a constituição das abordagens sobre a classe operária, assim como as distintas leituras das obras de Marx e Gramsci e do momento, brasileiro e internacional, que possibilitaram tais debates ao longo do séc. XX, indicando que:

Apesar de suas diferenças [de supostos teóricos de análise], um princípio básico permanece: a investigação acerca do significado da

---

<sup>16</sup> PERNAMBUCO. Andrei. P. **Saúde e trabalho**: o caso dos trabalhadores da indústria do vestuário de Formiga – MG. Divinópolis, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais). Curso de Mestrado em Educação, Cultura e Organizações Sociais. FUNEDI/UEMG.

<sup>17</sup> GODOY. João Miguel T. A fábrica e o mundo fabril nos Estudos Acadêmicos brasileiros. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n°. 52, p. 175-203, Jan/Jun. 2010.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p199.

fábrica não pode ser feita isoladamente da investigação das relações sociais engendradas antes dela e aprofundada a partir dela.<sup>19</sup>

Pensando nessas dimensões do debate acadêmico acredito que a proposta apresentada nas páginas a seguir se justificam e compõe esse processo de produção do conhecimento histórico. A intenção é evidenciar como as condições de trabalho na Krindges permitem discutir contradições dessa relação, que conjuga trabalho, exploração, doenças e expectativas de mudança na condição de classe dos trabalhadores envolvidos com a produção industrial do setor de vestuário em Ampére.

As expectativas desses trabalhadores serão vistas no propósito de perceber propostas de alterar as pressões que os limitariam a buscar apenas a sobrevivência, buscando observar a abertura de possibilidades para aquilo que reconhecem como conquistas, segurança, viver melhor, observando como atuam para alterar as relações classistas, suas condições de trabalho e de vida na cidade.

Devido à existência de poucas pesquisas no campo da História referentes às relações sociais em Ampére, procurei dialogar com produções de outras áreas que discutem Ampére e que se aproximam no debate sobre a industrialização na cidade, condições de trabalho e relações estabelecidas pelos trabalhadores ao se vincularem a postos de trabalho nas indústrias do vestuário.

Realizei algumas leituras de trabalhos acadêmicos que se sustentam, a partir da análise regional, referindo-se à região Sudoeste do Paraná – que inclui a cidade de Ampére - uma explicação que exalta o processo de industrialização e do Arranjo Produtivo Local - APL - supostamente implementado com sucesso na cidade. O estudo inicial desses trabalhos destacou a ênfase e recorrência de noções e interpretações do processo de industrialização enquanto estrutura determinante da "economia regional" e, em extensão, como estruturante da vida da população das cidades em questão.

Em diálogo com a minha proposta, destaco a reflexão presente na Dissertação de Mestrado em Geografia de Edson Luiz Flores<sup>20</sup>, o artigo de Danielli Batistella Saquet<sup>21</sup>, o artigo de Sônia Mar dos Santos Migliorini<sup>22</sup>, o texto de Marcos Leandro Mondardo<sup>23</sup> e

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 180.

<sup>20</sup> FLORES, Edson L. **Industrialização e desenvolvimento do Sudoeste do Paraná**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, PR, 2009.

<sup>21</sup> SAQUET, D. B. **A expansão da indústria de confecções no sudoeste**. Revista Geosul, v.23, n.46, 2008.

<sup>22</sup> MIGLIORI, S. M. S. **A Implantação e a Consolidação Da Indústria De Confecção Na Mesoregion Sudoeste do Paraná**. Curitiba, Editora UFPR, 2007.

o Trabalho de Conclusão de Curso de Neli Gehlen Motta<sup>24</sup>, enquanto único trabalho no campo da história. Essas produções, apesar de apresentarem perspectivas diferentes da que abordo, contribuíram bastante para o andamento do meu trabalho.

A dissertação de Edson Flores me ajudou a pensar como justifica sua interpretação sobre a relação campo/cidade e a questão de como surgiu à industrialização no Sudoeste do Paraná, já o artigo de Saquet foi importante para pensar seu entendimento sobre a questão da expansão da indústria e os incentivos e investimentos públicos atribuídos a elas.

O artigo de Migliorini apresentou o que ela sugere como fatores motivadores da consolidação da indústria do vestuário nas cidades que envolvem o APL do Vestuário no Sudoeste do Paraná. O trabalho de Motta contribuiu para pensar como no campo da história, a autora pensou a construção do projeto de industrialização em Ampère e também para discutir sobre a relação campo/cidade na constituição desse espaço social.

Encontrei também evidências no convívio com os trabalhadores de Ampère que me apontavam pressões nas condições de trabalho nas indústrias do vestuário. A manutenção de ritmos acelerados de produção e repetição de ações levava, e ainda leva, a recorrência em acidentes e doenças nas empresas do vestuário, além de processos de demissão ao se verificarem tais agravamentos de saúde. Esses indícios instigaram o andamento da pesquisa e a delimitação do campo investigativo.

Gilvana Machado Costa<sup>25</sup> discute em seu Trabalho de Conclusão de Curso as relações de trabalho estabelecidas nas indústrias de confecção do Oeste do Paraná a partir de estudo de caso sobre os trabalhadores da fábrica de *Lingerie Fidelitá*, em Marechal Cândido Rondon-PR. Nessa análise, a autora busca discutir sobre o discurso de desenvolvimento do município e a geração de emprego e renda com a implementação das indústrias, destacando as relações conflituosas de trabalho dentro da indústria de confecção e também da intensa rotatividade de trabalhadores em decorrência das condições e rotina de trabalho.

Através do trabalho da autora é possível notar aproximações na rotina de trabalho fabril, algo que marca o modo como as relações de trabalho em indústrias de

---

<sup>23</sup> MONDARDO, Marcos L. Uma caracterização geral do processo de urbanização do sudoeste do Paraná – Brasil. *Scripta Nova*, Barcelona, v. XI, n. 239, 15 maio de 2007.

<sup>24</sup> MOTTA, Neli. G. “**Um Município Chamado Progresso**”: Discursos Acerca da Cidade de Ampère (1986-2010) Monografia (graduação em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon – PR, 2011

<sup>25</sup> COSTA M. Gilvana. **Relações de Trabalho na Indústria de Confecção no oeste do Paraná**: um estudo de caso a partir da fábrica Fidelitá em Marechal Cândido Rondon – PR. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2011, p 7.

confeção e vestuário se fazem e se propõem inserir no mercado como "solução" ao desemprego e baixo índice industrial de cidades de pequeno e médio porte.

Ao pensar essas questões, foram realizadas cinco entrevistas além de conversas informais com alguns trabalhadores. Os entrevistados tiveram seus nomes preservados, criando-se nomes fictícios para o uso de suas narrativas ao longo do texto. As entrevistas foram realizadas através de questões que passaram pela trajetória e relações de trabalho, dialogando com trabalhadores e ex-trabalhadores da Krindges.

Durante as entrevistas, eles interpretaram como *é/foi* vivenciar essa experiência de trabalho, assim como as dificuldades e motivações para a permanência/saída dessa empresa. O interesse era perceber como essa possibilidade de trabalho fez parte de suas expectativas e alternativas de mudança nos seus modos de viver, que, em grande medida, dimensionaram uma relação com um passado no campo.

Ao utilizar a fonte oral foi importante dialogar com a produção de Alessandro Portelli, o qual contribuiu para a construção de um procedimento de análise, para a produção das fontes orais e do olhar lançado sobre esse material. O uso de tal fonte na pesquisa permitiu o enfrentamento da dinâmica contraditória de valores e práticas que compõe escolhas, pressões e expectativas desses sujeitos sociais.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que permite maior visibilidade política da classe trabalhadora, com suas divisões e processos de identificação na condição de classe compartilhada, produzindo assim uma interpretação histórica comprometida com o potencial de luta e intervenção social desses trabalhadores, essa investigação também traz como enfrentamento lidar com os limites dessa fonte, as dificuldades em conseguir a aceitação da gravação da entrevista e contatar trabalhadores, principalmente por não residir em Ampère desde 2008, mas ainda assim, não querer abrir mão de discutir essa questão.

Alessandro Portelli menciona alguns cuidados importantes de serem retomados na prática de investigação histórica ao fazer uso de tal fonte; como na elaboração das entrevistas, na transcrição e a relação dialógica na produção da entrevista, levando em consideração que *é através dessa recomposição do momento da entrevista enquanto texto que ocorrerá a modificação de “objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação”*<sup>26</sup>, como também a visibilidade de

---

<sup>26</sup> PORTELLI, Alessandro. O Que Faz a História Oral Diferente. **Projeto História**, São Paulo, n.14, p. 27, 1997.

momentos de identificações e confrontos entre interesses do entrevistado e entrevistador.

Portelli discute pontos importantes sobre o que se processa durante a entrevista e com o trato da mesma, levando em consideração as omissões, pausas e alterações na fala que permeiam as entrelinhas da entrevista. Para ele, a percepção dos sentidos expressos na entrevista permite que o entrevistado fale, mesmo sem palavras, sugerindo novas ponderações ao investigador.

Outras fontes também foram utilizadas para a construção do texto como as *Revistas* produzidas pela ACEAMP<sup>27</sup> e Prefeitura Municipal – encontradas na Biblioteca Municipal de Ampére<sup>28</sup>. A partir dessas fontes é possível confrontar as memórias produzidas e que práticas ganham destaque nesses materiais, envolvendo as relações de trabalho e transformações nas relações sociais em Ampére.

Ao realizar a análise desse material, deparei-me com a fragmentação dessa produção e de seu acervo, pois não são produzidas anualmente. Sua elaboração depende da iniciativa da Administração Pública e dos interesses empresariais que podem ser associados a datas comemorativas e eventos na cidade, não possuindo nenhum acervo com todas as produções, que foram feitas, principalmente, durante a comemoração do aniversário da cidade.

O que é formulado como visibilidade das melhorias da cidade e noticiado como conquista “de toda a sociedade” nessas publicações comemorativas exige ser discutido. Além da interpretação e exaltação dos grupos empresariais e da administração pública que é formulado para tais ações, é necessário apontar que interesses se expressam nessas produções, que contraditoriamente são vivenciados na realidade social, como articulam propostas desiguais como se fossem comuns como, por exemplo, a expansão industrial que atende de diferente e desigual forma a empresários, políticos e trabalhadores.

---

<sup>27</sup> Associação Comercial e Empresarial de Ampére – ACEAMP foi criada em 16 de março de 1983, com o objetivo de integração da classe empresarial, atuando na busca de soluções, prestando serviços com valor agregado, apoiando o desenvolvimento sustentável de Ampére. Essa formulação está presente no site <http://www.aceamp.com.br/2010/aceamp.php>

<sup>28</sup> PREFEITURA Municipal de Ampére. **Apaixone-se por Ampére**. Francisco Beltrão: Gráfica e Editora Berzon. Novembro de 2001. Edição Especial 40 anos.

ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 38 anos**. Todos os caminhos levam a Ampére. s/n. Novembro de 1999. Edição de Aniversário.

\_\_\_\_\_. **Ampére 34 anos**. Francisco Beltrão: Editora Jornal de Beltrão S/A. Dezembro de 1995. Edição Especial da III FICAMP.

\_\_\_\_\_. **Ampére 30 anos**. Francisco Beltrão: Editora Jornal da Cidade. Novembro de 1991. Edição Especial da I FICAMP.

A análise dos *Informativos da Associação de Funcionários da Krindges* – Krinformações - doados pela própria empresa para a composição do conjunto de fontes, dentre outros materiais fornecidos - como imagens e folders de divulgação - permitem pensar como as relações de trabalho e trabalhadores ganham espaço nessas produções.

Essa documentação contribuiu para aprofundar um dos eixos que motivaram este trabalho; a saúde do trabalhador e as ações que compõem a atuação da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA - na empresa, observando ainda as colocações dos trabalhadores no informativo.<sup>29</sup>

Ao lidar com esse tipo de fonte – assim como os jornais<sup>30</sup> – é preciso levar em conta sua produção e como se localizam nas disputas sociais. Para tal, considero importante a reflexão sugerida por Laura Antunes Maciel, a qual indica que é necessário

Refletir sobre novos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa para não tomá-la como espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que se pretendem compartilhadas e universais. [...] a imprensa assimila interesses e projetos de diferentes forças sociais que se opõe em uma dada sociedade e conjuntura, mas os articula segundo a ótica e a lógica dos interesses de seus proprietários, financiadores, leitores e grupos sociais que representa.<sup>31</sup>

De acordo com o que foi exposto acima, parto da hipótese de que as publicações não são neutras, elas se localizam nas confrontações de classes e, em grande medida, recompõem a visão de grupos dominantes. Sendo, em nosso caso, vinculados a interesses da Administração Pública e da Associação Comercial e Empresarial de Ampére.

Ao procurar ampliar essa discussão, o trabalho com os processos trabalhistas se apresentou como interesse de investigação desde o início da organização dessa pesquisa. Pois, como indício de análise dos problemas de saúde, comuns no ramo industrial de vestuário, os processo trariam uma dimensão do modo como essa relação ganha visibilidade e compõe o campo de possibilidades para trabalhadores, principalmente em

---

<sup>29</sup> ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére. Informativo Mensal. Pesquisa realizada nos informativos de 2003 a 2008.

<sup>30</sup> Para essa pesquisa não contamos com nenhuma publicação da imprensa da cidade de Ampére, portanto utilizamos matérias divulgadas no Jornal de Beltrão, da cidade de Francisco Beltrão (cidade limítrofe a Ampére), como também do Jornal Gazeta do Povo, de Curitiba.

<sup>31</sup> MACIEL, L. A Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. In FENELON, D. R. et al. (Org.) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p.15.

razão do ritmo de trabalho, atividades repetitivas e condições de produção, avaliando ainda a mediação de advogados e o processo de julgamento em que essas pendências se inserem quando se constituem peças de autos processuais.

Porém, encontrei dificuldades para a investigação desses processos trabalhistas, dentre eles: a falta de uma política de preservação da documentação e de valorização das práticas historicamente construídas a partir das relações de trabalho - seja pela negativa de informações sobre os processos, seja pela falta de possibilidade de pesquisa no sindicato dos trabalhadores, o que indica certas limitações à atuação dos historiadores. A demora em ter acesso à documentação e definir o campo de estudo prejudicou o andamento da pesquisa.

Os processos não estão em um acervo, eles se encontram na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão-PR, cidade limítrofe a Ampére, onde há grande burocracia para analisar essas fontes. Tive acesso a uma quantidade mínima de processos, apenas três, dos quais não pude escolher no montante de processos, apenas direcionar a seleção que a funcionária me disponibilizou. Após conversa com funcionários, eles separaram esse material e me entregaram uma cópia.

Mas, mesmo assim, o trabalho com esses três processos foi bastante significativo por ter um vasto campo de possibilidades de análise, como as condições de trabalho relatadas pelos advogados dos trabalhadores e colocadas em questão na confrontação dos advogados, assim como pela inspeção da perícia durante um dos processos (laudo pericial). Pude associar elementos dessas fontes com as questões já em foco nos demais materiais, a questão da saúde do trabalhador, as relações de trabalho firmadas com a empresa, as relações de poder que permeiam trabalho, problemas de saúde etc.

A atuação dos trabalhadores para mudanças nessas relações e interpretações do trabalho na Krindges estão presentes na construção e argumentação dos processos. Como menciona Rinaldo Varussa, a partir desse material uma historicidade conflituosa vem à tona pela correlação de forças desiguais expressas no trâmite processual e, por vezes, valorada em experiências de exploração e de limite de direitos, onde solidariedades e reconhecimento da condição de classe se expressam como formas de lidar com perdas e conquistas mediadas por relações classistas, envolvendo, muitas vezes, morosidade dos casos e encaminhamento de conciliação, como marca das práticas empresariais e do judiciário<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> VARUSSA, Rinaldo J. Disputas na Justiça do Trabalho: memórias e histórias a partir do Oeste do Paraná (década de 1980 a 2000). *Diálogos*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 441-460, 2009.

Por isso, o interesse ao tomar os processos trabalhistas como fontes foi analisar as ações e relações que os trabalhadores constroem para problematizar o trabalho na indústria do vestuário, bem como avaliando motivações e expectativas após essa experiência, que os levam a reclamar judicialmente das condições de trabalho, questões salariais e doenças adquiridas pelo trabalho.

A partir dos processos trabalhistas consegui analisar as relações desiguais, mediadas pelos advogados, que trazem tensões entre trabalhadores e patrões, e no convívio entre trabalhadores. Além de observar como se configura a produção dos advogados sobre a realidade experimentada pelos trabalhadores, onde se destaca os diferentes sentidos atribuídos à exploração do trabalhador e os limites à reivindicação de direitos, foi possível indagar sobre que relações de poder se fazem presentes e definidoras das decisões dos confrontos trabalhistas? Que aprendizados trabalhadores e empresariado vêm acumulando sobre os enfrentamentos judiciais?

Esses parecem pontos importantes para configurar a presença desses trabalhadores nessas relações de trabalho e no enfrentamento da exploração capitalista, que conjugam conflitos diários no trabalho e, posteriormente, em processos trabalhistas e propagação entre outros trabalhadores das condições vivenciadas na empresa e os problemas de saúde que adquiriu com esse trabalho, dificultando assim a simples adesão às vagas disponíveis no mercado de trabalho industrial.

O uso de sites (site da empresa, site da Associação de Funcionários da Krindges, site da Prefeitura de Ampére, site do IPARDES, site do IBGE, site do CAGED), imagens e mapas também foram parte da documentação utilizada para dar sustentação a esse trabalho. As fotografias que compuseram o trabalho tinham o objetivo de possibilitar visualizar o espaço da fábrica, dos cursos e da visualização dos funcionários construída no informativo, propondo um diálogo sobre a imagem, os interesses que a produziram e o que poderia interpretar da sua visibilidade.

Como sugere Khoury<sup>33</sup>, “o trabalho do historiador propõe incitar o processo de reflexão teórica referente à historiografia contemporânea, indicando como as polêmicas e os desafios sugeridos aos estudos atuais – que se referem aos trabalhadores e à experiência social construída na cidade e no trabalho, diante das relações classistas do

---

<sup>33</sup> KHOURY, Y. A. Do Mundo do Trabalho ao Mundo dos Trabalhadores: história e historiografia. In: VARUSSA, Rinaldo J. (Org.). **Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009. p.124. Vol. 3 Série Tempos Históricos.

tempo presente – permitem vislumbrar alternativas de transformação e intervenção política”.

Após exposto isso, cabe ressaltar que a proposta, apresentada nas páginas seguintes, procura discutir as questões destacadas anteriormente, envolvendo os trabalhadores que se relacionaram com a indústria do vestuário Krindges, localizada na cidade de Ampére, nas últimas décadas do séc. XX e início do séc. XXI, compondo para tal reflexão dois capítulos.

No primeiro capítulo abordei a difusão de certa explicação histórica para a organização social de Ampére e empreendimentos econômicos, avaliando também como os trabalhadores estão lidando com as alterações recentes da cidade e do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que se deparam com a expansão da indústria de vestuário e as pressões que envolvem a relação campo/cidade e promoção da cidade a partir da visibilidade do projeto industrial. Nesse capítulo, a análise se associa à trajetória e condição de trabalhador que determinados sujeitos assumem na sociedade capitalista e, em particular, ao viverem em Ampére.

Já no segundo capítulo procurei problematizar questões vinculadas à saúde dos trabalhadores e às relações de trabalho que vivenciam e vivenciaram com a empresa Krindges Industrial Ltda. Ao fazer isso, procurei analisar as expectativas, pressões e limites desses trabalhadores conforme dimensionam, em suas narrativas e atuações, conquistas, permanências e mudanças no seu modo de viver e trabalhar.

Sendo assim, nas páginas a seguir serão problematizadas as discussões e inquietações aqui brevemente apresentadas, que foram formuladas ao longo da produção dessa pesquisa, assim como, os limites desse trabalho e os novos questionamentos que surgiram ao longo da análise das fontes, contribuindo em muito para a realização dessa proposta acerca de trabalhadores que se relacionaram com a indústria Krindges em Ampére.

## CAPÍTULO I

### Ampére: "Um ótimo lugar para se viver"?

Para pensar a condição atual de empregabilidade da Krindges e do destaque dado pelos rendimentos das indústrias de vestuário em Ampére-PR, assim como as relações de trabalho e saúde do trabalhador que vive nessa cidade e lidou com esse trabalho industrial, é preciso entender como essa cidade vivenciou essa dinamização da indústria ao lidar com o desemprego e baixa nos investimentos e produtividade da agricultura familiar no campo, dando a visibilidade e preponderância a setores como vestuário no tempo presente.

Pensando nessas questões, ao analisar o site municipal é possível perceber como é associado como adjetivo de Ampére a noção de cidade progresso, com grande potencial industrial para o município e "um ótimo lugar para viver"<sup>34</sup>. A insistência nessa chamada é amplamente difundida através do site da Prefeitura Municipal de Ampére, imprensa e revistas comemorativas<sup>35</sup>.

O que me faz acreditar que essa produção merece ser discutida, pois a apresentação dessa positividade "natural" do processo de industrialização e alteração em certas relações na cidade e no campo, não podem se limitar a uma indicação de bondade e preocupação com os que carecem de trabalho. Essa construção precisa ser confrontada com as pressões e exploração de trabalhadores que fazem parte desse processo de mudanças.

Durante a pesquisa, encontrei indícios de que esse processo implicou em uma série de medidas desiguais, nos interesses e na vivência dessa dinâmica de transformações pelos trabalhadores que vivem na cidade. Porém, a ênfase principal, mesmo nas leituras que querem problematizar esse processo, fica muito mais limitada à atuação e direção desse processo pela Administração Municipal e empresariado.

---

<sup>34</sup>Disponível em:[http://www.ampere.pr.gov.br/2010/palavra\\_prefeito](http://www.ampere.pr.gov.br/2010/palavra_prefeito). Php?Pagina=palavra\_prefeito  
Acesso em: agosto de 2011.

<sup>35</sup>As revistas mencionadas são produzidas pela Prefeitura Municipal de Ampére em parceria com a ACEAMP – Associação Comercial e Empresarial de Ampére - mas não são publicadas regularmente, sendo que sua produção depende da iniciativa da Administração Pública e da ACEAMP, como destacado na Apresentação desse trabalho.

Em produções que discutem tal processo, como o trabalho de Saquet, essa expansão da indústria, vista como prática comum no Sudoeste do Paraná é apresentada vinculada a incentivos municipais, que marcaram a década de 1990:

As políticas públicas municipais, de fato, são decisivas, pois através delas, um empreendedor não precisa, necessariamente, ter uma grande quantidade de capital para investimento. As prefeituras, de maneira geral, concedem os terrenos, a infraestrutura básica, isenções de impostos... atuando efetivamente, inclusive através da mídia televisiva (propaganda de atração), na instalação de novas unidades produtivas em cada município.<sup>36</sup>

A análise que a autora destaca sugere um comprometimento das Administrações Municipais para que haja a fixação de “empreendedores”, assim como a repetição dessa necessidade de fixar empreendedores a partir da mídia, para que essa instalação tenha adesão dos trabalhadores. Saquet se limita a apontar o controle do processo pelo Poder Público em associação ao capital empresarial.

A discussão que a autora pontua, assim como grande parte dos debates acadêmicos produzidos nos últimos anos, destaca essa prática de promoção do “desenvolvimento”, fundamentada quase que exclusivamente nos benefícios econômicos vinculados às ações empresariais e do agronegócio, destacando o apoio da Administração Municipal. Essa referência também é formulada na revista comemorativa "Ampére 34 anos", já em 1995:

Dando continuidade ao programa iniciado na gestão anterior, a prefeitura concede barracões em regime de comodato aos empresários interessados em constituir uma indústria. [...] No sistema de comodato, o empresário recebe o barracão dotado de toda a infraestrutura, com o direito de uso gratuito por até 10 anos. Nesse período, compromete-se a gerar um número pré-estabelecido de empregos e a fazer manutenção do imóvel. Os interessados podem optar por outra modalidade de incentivo. Nesse caso, o município concede o terreno com água, energia, terraplenagem e pavimentação e o empresário complementa o investimento, com o direito á posse definitiva após cinco anos de atividade.<sup>37</sup>

A partir desse trecho é possível perceber quais são os interlocutores destacados pelo Poder Público para esses empreendimentos, indicando não ter nenhum receio em divulgar os benefícios a serem oferecidos, haja vista que tal prática é recorrentemente

<sup>36</sup> SAQUET, D. B. A expansão da indústria de confecções no sudoeste. **Revista Geosul**, v.23, n.46, p 64. 2008.

<sup>37</sup> INDUSTRIALIZAÇÃO é Marca Registrada de Ampére In: ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Francisco Beltrão: Editora Jornal de Beltrão S/A. Dezembro de 1995, p. 27. Edição Especial da III FICAMP.

justificada por garantir “trabalho” para grande parte da população. A década de 1990, anunciada nos históricos das principais indústrias do vestuário da cidade como período de expansão, justifica-se se associarmos esse crescimento com as ações da Administração Municipal nesse período, que massivamente garante concessões e apoio para instalações empresariais.

Com a lei de incentivo às indústrias<sup>38</sup> muitos outros setores foram deixados de lado, ou quando foram desenvolvidos dialogavam com a expansão desse mercado de trabalho, como sugere outra matéria da revista Ampére 34 anos que, em seu conjunto, apresenta o projeto e interesses que conjugam as práticas empresariais e administrativas na cidade naquele momento.

A matéria intitulada *Sistema preventivo garante saúde à população* aponta que:

Com o objetivo de proporcionar aos cidadãos, condições de profilaxia preventiva, visando além da preservação da saúde a capacidade física para o trabalho, o município possui um programa de prevenção. Para colocá-lo em prática, cinco médicos atendem semanalmente em cinco comunidades do interior. [...] O Departamento de Saúde está coordenando a instalação de um aparelho de Raio X.<sup>39</sup>

Nessa passagem, percebe-se que esses investimentos foram realizados anunciando um interesse em manter a “capacidade física para o trabalho”, ou seja, os investimentos na saúde são avalizados a partir de determinados projetos, “Ampére procura se adequar urbanisticamente, à conotação de município altamente industrializado”.<sup>40</sup>

A administração sugere que toda a cidade tem essa preocupação e que as alterações urbanísticas - que atinge desde a reformulação de espaços para moradia à direcionamento de investimentos - são para acompanhar e atrair certo avanço industrial, sinônimo de melhoria e emprego para toda Ampére.

O que efetivamente não se reconhece com tanta tranquilidade nas formas que vários trabalhadores vivem, ou mesmo tiveram que enfrentar ao percorrerem trabalhos no campo e na cidade, como também se verem doentes ou com seus direitos trabalhistas infringidos ao manterem relações de trabalho com certos grupos empresariais da cidade.

<sup>38</sup> Lei 490/90, em que são concedidos barracões para os empresários do setor industrial e a Lei 522/90, em que se destaca a concessão aos empresários de terreno com área total de 121.000m<sup>2</sup> para a construção dos barracões.

<sup>39</sup> SISTEMA Preventivo Garante Saúde á População In: ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos** . Op. cit., p.32.

<sup>40</sup> UM Urbanismo à Altura do Nome In: ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Op. cit., p. 30.

Resta saber como essas relações de trabalho foram construídas, seja com os trabalhadores que vivem na cidade, seja com a incorporação de outros que viram nesses postos de trabalho uma possibilidade, observando a condição contraditória onde essa “oferta” a baixos salários ainda se apresentou/ e se apresenta, para muitos, como expectativa de melhoria.

A movimentação dos trabalhadores observada durante a década de 1990 e intensificada nesta primeira década do século XXI exige que algumas alterações de infraestrutura e benefícios urbanos (educação, saúde, moradia, água, luz, asfalto...) sejam efetivadas, até mesmo para garantir que parte desses trabalhadores permaneça na cidade para os postos de trabalho em expansão no meio urbano.

Essas mudanças, vinculadas à expansão industrial, também tentam se utilizar de ações sociais para justificar os investimentos públicos na indústria. A reportagem *Na Educação, a formação de mão-de-obra*, presente na publicação de 1995 reforça esse vínculo:

Para dar suporte ao potencial industrial do município, todos os setores da economia local precisaram ser readequados. O da educação recebe investimentos da ordem de R\$ 500 mil.<sup>41</sup>

Ou seja, o objetivo implícito é uma educação para o trabalho, capacitar mão de obra exclusivamente para o benefício das indústrias, para assim garantir o desenvolvimento pretendido. Ao fazer essa "capacitação", isso não significa um acordo de fidelidade do trabalhador para que exerça a função definida no curso, ao contrário, pode indicar a desistência, ou uma possibilidade de campo de trabalho sem pretensões de ser a principal.

Readequar setores da economia, em função de insegurança e instabilidade em outros investimentos, tentando com isso forçar qual deve ser o direcionamento dos investimentos e a formação dos trabalhadores em cursos técnicos de corte e costura, por exemplo, como os realizados pelo SENAI, auxiliam na qualificação dessa mão de obra para o trabalho nas indústrias, concorrendo com outras possíveis articulações de trabalho.

Esse processo de "qualificação", sem gastos das empresas, está presente na reportagem da revista "Ampére 34 anos", em 1994:

---

<sup>41</sup> NA Educação, a Formação de Mão-de-obra In: ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Op. cit., p. 33.



Revista Ampére 30 anos, 1995 p. 34

Para dar sustentação aos empresários do município a Administração Municipal trouxe para Ampére cursos profissionalizantes através do SENAI. Já foram realizados dois cursos, um de costureiro industrial que formou 163 profissionais e um curso de marceneiro, que formará em torno de 50 profissionais.<sup>42</sup>

Os cursos profissionalizantes oferecidos pelo SENAI apresentam-se como uma forma de "preparar os jovens para o mercado de trabalho", ou seja, tendo como objetivo principal a formação da mão de obra para "sustentação aos empresários". A matéria "*Da lavoura para a Indústria um caminho quase perfeito*"<sup>43</sup> destaca onde são apresentadas as readequações ao longo da década; como, por exemplo, no sistema de pavimentação para a conservação das estradas de circulação e transporte de mercadorias dos grupos empresariais da cidade, que também possuem investimentos no campo, ao longo do trabalho tentarei mostrar o vínculo dessas relações campo/cidade.

<sup>42</sup> FORMAR mão-de-obra uma necessidade local. In: ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Francisco Beltrão: Editora Jornal da Cidade. Novembro de 1994, p. 34

<sup>43</sup> DA Lavoura para a Indústria um Caminho Quase Perfeito. In: ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Op. cit., p. 34.

A ação realizada para facilitar o transporte na cidade aparece, mais uma vez, vinculada aos benefícios industriais, facilitando o transporte e a redução de custos desses grupos, “permite o transporte dos produtos agrícolas com segurança e barateamento de custo”<sup>44</sup>. Haja vista que a pavimentação é uma obra com gastos públicos.

Motta em sua monografia, ao fazer uma análise sobre os “discursos” produzidos acerca da cidade de Ampére, analisa como os meios de comunicação, inclusive as revistas discutidas neste trabalho, remetem-se à industrialização na cidade, avaliando que:

Nestas publicações, tratadas aqui como revistas, percebe-se que a industrialização do município de Ampére implicou numa série de ações da prefeitura, as quais necessitaram de grandes investimentos financeiros. Essas ações basearam-se em determinado ideal de desenvolvimento voltado, quase que unicamente, para o sentido econômico. Supõe-se então que os maiores beneficiados pelas ações da prefeitura são justamente os grupos com maior poder aquisitivo da cidade, os quais possuem, muitas vezes, ligações diretas com os grupos políticos que estão no governo<sup>45</sup>.

A discussão que a autora apresenta indica que o processo de industrialização da cidade de Ampére atende aos interesses dos grupos dominantes que utilizam os meios de comunicação e divulgação do Poder Público para tentar legitimar tais ações como um benefício de todos alcançado por meio do “avanço” e incentivo industrial.

Desse modo, as diversas obras e investimentos realizados em Ampére, almejando alterar relações de produção e atuação do Poder Público, serviram, em grande parte, para acentuar a condição de exploração e desigualdade já existente na cidade. Pois quanto mais a classe dominante, digo políticos e empresariado, é beneficiada em detrimento dos trabalhadores, mais gera uma sociedade díspar, indicando um desenvolvimento contraditório, que não garante melhorias sociais e expectativas de mudança a todos da mesma forma e com os mesmos encaminhamentos.

Após duas décadas de possíveis “investimentos” a avaliação daqueles que se inserem nesses postos de trabalho fragilizam tais índices, como percebemos pela fala de

---

<sup>44</sup> Ibidem.

<sup>45</sup> MOTTA, Neli. G, “**Um Município Chamado Progresso**”: Discursos Acerca da Cidade de Ampére (1986-2010). 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon – PR, 2011, p.11.

Berenice, “Eu queria algo melhor, mas como a cidade não oferece muitas oportunidades de emprego, a gente tem que trabalhar, porque ficar sem fazer nada não dá também”<sup>46</sup>.

Através da fala da entrevistada, com seus 19 anos e recém-contratada na Krindges, é possível notar que a atuação da Administração Municipal e visibilidade que deram dos índices de crescimento econômico, são raros os benefícios que são entendidos pelos trabalhadores como favoráveis aos seus interesses, como melhorias nas condições de trabalho, no salário, levando muitos deles a procurarem o que entendem como melhores postos de trabalho, muitas vezes até fora do município.

A indústria de vestuário, presente na cidade de forma incipiente desde 1980, teve grande expansão em número de trabalhadores e estabelecimentos principalmente a partir da década de 1990 e, mais incisivamente, na última década. Mesmo setores de empregabilidade menos destacadas também ocuparam maiores índices, com dois momentos principais de variação (anos iniciais da década de 1990 e após o ano 2000), como é possível identificar na Tabela 1.

TABELA 1 - Número total de estabelecimentos no município de Ampére (1985 a 2010)

<b>Período</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Variação % em relação ao ano anterior</b>
<b>Até 1985</b>	67	-
<b>1990</b>	79	17,91
<b>1995</b>	132	67,09
<b>2000</b>	174	31,82
<b>2005</b>	259	48,85
<b>2010</b>	418	61,39

Fonte: RAIS (2011)<sup>47</sup>

A partir dessa tabela é possível observar que até 1985 havia poucos estabelecimentos - considerados pela pesquisa base do RAIS, mas a partir de 1990, com a lei de incentivos a indústria esse número aumentou significativamente.

É interessante também observar como esse avanço da industrialização repercutiu entre os trabalhadores na sua primeira década de intensificação, para isso faço referência à pesquisa do CEPPE - Pesquisa de Mercado e Mapeamento Empresarial,

<sup>46</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampére, 03 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. Berenice é ex-funcionária da Krindges em Ampére.

<sup>47</sup> Tabela citada em: ZAMBON, Edvander Rodrigo. **Análise das indústrias têxtil e da madeira e do mobiliário na geração de empregos no município de Ampére-PR no período de 1985 a 2010**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas), Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão - PR, 2011, p. 37.

citada no trabalho de Motta, destacando um quadro de satisfação produzido em 1998<sup>48</sup>, período em que esse processo já estava ampliado em praticamente duas vezes o número de estabelecimento que marcavam o início de 1990:

TABELA 2 - Ranking do Grau de Satisfação da População sobre os Diversos Sistemas do Município

RANKING DO GRAU DE SATISFAÇÃO DA POPULAÇÃO SOBRE OS DIVERSOS SISTEMAS DO MUNICÍPIO					
Sistema/Área	Fraco	Regular	Bom	Ótimo	Grau de satisfação
1 - Setor Secundário- Indústria	1,5%	16,8%	55,9%	25,8%	81,7 %
2 - Energia Elétrica	4,8%	21,3%	54,4%	19,5%	73,9%
3 - Comunicação – Rádio	9,4%	17,9%	52,6%	20,1%	72,7 %
4 - Transporte intermunicipal	13,0%	14,5%	50,9%	21,6%	72,5%
5 - Assistência Social	7,7%	21,0%	54,0%	17,3%	71,3%
6 – Coleta de lixo	3,7%	25,8%	51,5%	19,0%	70,5%
7 – Setor Terciário – serviços	8,7%	22,3%	51,7%	18,0%	69,7%
8 – Educação	8,4%	24,1%	57,8%	9,7%	67,5%
9 – Comunicação – TV	14,4%	20,8%	45,3%	19,5%	64,8%
10 - Setor Terciário – Comércio	5,7%	30,0%	50,2%	14,1%	64,3%
11 – Abastecimentos de Água	11,4%	25,3%	48,1%	15,2%	63,3%
12 - Limpeza Pública	9,4%	27,5%	49,2%	13,9%	63,1%
13 – Saneamento Básico	13,8%	23,4%	49,7%	18,9%	62,8%
14 – Urbanização	9,8%	29,7%	45,0%	15,5%	60,5%
15 – Sistema de Telefonia	20,5%	22,4%	44,8%	12,3%	57,1%
16 – Habitação	7,6%	36,6%	47,0%	8,8%	55,8%
17 – Setor Primário – Outras Criações	10,9%	36,4%	42,4%	10,3%	52,7 %
18 – Comunicação – Jornal	27,0%	24,6%	39,1%	9,3%	48,4%
19 – Estradas e Pontes	24,2%	31,5%	36,7%	7,6%	44,3%
20 – Segurança Pública	25,9%	41,4%	27,5%	5,2%	32,7%
21 - Setor Primário – Agrícola	31,8%	35,8%	26,6%	5,8%	32,4%
22 – Áreas de Lazer	42,4%	29,4%	21,7%	6,5%	28,2%
23 – Saúde	42,2%	36,8%	19,2%	1,8%	21,0%
24 – Turismo	74,6%	11,2%	9,3%	4,9%	14,2%

Fonte: CEPPE – Jan/1998 – Pesquisa de Mercado – Amostra 334 entrevistados (área urbana e rural) apud MOTTA, N. **Op. cit.**, p. 35.

Conforme os índices publicados, as indústrias estão em 1º lugar no Ranking, com grau de satisfação de 81,7 %, deixando para traz outros setores importantes como a educação que está em 8º, com satisfação de 67.5%. A saúde está em 23º, com satisfação de apenas 21,0%, Mas é preciso ter cuidado ao lidar com essas pesquisas de opinião enquanto fonte, pois tiveram um objetivo ao serem produzidas e, nesse caso, dão visibilidade ao processo de industrialização, reforçando o apoio e a sua indicação como benefício público.

Mesmo que em um primeiro momento se avalie que a “amostra” de 334 atendeu à expectativa indicando a satisfação com a iniciativa industrial do município, isso não

<sup>48</sup> ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampère. **Ampère 34 anos**. Op. cit., Dezembro de 1995. apud MOTTA, N. **Op. cit.**, p.35

impediu que, mesmo um número reduzido de “entrevistados”, em uma pesquisa limitada a perguntas objetivas, fica indicada a insatisfação com questões fundamentais da rotina de quem necessita do serviço público de saúde, segurança, transporte, moradia etc.

Além disso, havia, nesse momento, uma avaliação insegura sobre o destino dos investimentos no setor agrícola, o que leva a perceber as alterações no direcionamento de apoio público ao empresariado industrial, que tinha grande interesse para a realização de tal pesquisa de "satisfação" e no resultado direto que apresenta.

Ao lidar com essas avaliações, a Prefeitura fez algumas promessas na revista **Ampére 38 anos**, de 1999, ano subsequente à pesquisa discutida acima, que indicavam que esses investimentos retornariam em benefícios para a população “Com o índice populacional tão grande e constante aumento, temos de direcionar recursos para infraestrutura, além do desenvolvimento de outros setores, como o comércio, educação, agricultura e saúde etc.”<sup>49</sup>.

De acordo com os trabalhadores entrevistados, 12 anos depois dessa avaliação apresentada no quadro de satisfação, ainda falta muito a ser investido nesses “outros setores” para melhorar a vida dos amperenses, como apontou Carlos em nossa conversa. O entrevistado ao ser questionado sobre os problemas que ele vê na cidade aponta “Saúde tem um problema sério, sobre agricultura tem um problema sério, sobre tudo temos um problema sério... todos os lugares acho que tem problemas assim, sobre saúde, escola...”<sup>50</sup>.

Mesmo indicando as limitações das mudanças em Ampére, ao final de sua fala Carlos indica que essa não é uma particularidade de Ampére, "todos os lugares acho que tem problemas assim", reconhecendo que a questão não é o lugar, mas uma realidade de dificuldades que pressiona determinado conjunto de trabalhadores na sociedade capitalista. Ao mesmo tempo, reavaliar o que disse se torna necessário, pois não quer deixar a impressão de que a cidade em que vive tem tantos problemas e, ainda assim, ele continua em um lugar como esse.

Ou mesmo Amélia, 42 anos, outra entrevistada para esse trabalho, que ao analisar sua condição atual, aponta a necessidade de melhorar “principalmente a saúde,

---

<sup>49</sup> ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 38 anos**. Todos os caminhos levam a Ampére. s/n. Novembro de 1999, p. 61. Edição de Aniversário.

<sup>50</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampére, 16 de agosto de 2011. A entrevista foi realizada em sua residência. Segunda Entrevista.

porque falta médico especialista”<sup>51</sup>. Em seu caso, fala particularmente de uma constante em sua vida, após os problemas crônicos de saúde, adquiridos com o trabalho na indústria Krindges, necessita de especialista ortopédico, fisioterapeuta etc.

Esse é um problema que vivencia e, portanto, faz questão de destacar em nossa conversa, principalmente porque ao necessitar desses atendimentos, reconhece que há poucos "especialistas" em Ampére. Além disso, A consulta é demorada, a procura é grande e, muitos atendimentos são fora da cidade, ocorrendo principalmente em Francisco Beltrão. A maioria dos remédios não tem no posto do SUS, Amélia precisa comprar e são caros, diante do orçamento que possui.

Esses problemas acabam ganhando as páginas dos jornais, porém revestido de “solução” e não como limite para o universo de necessidades e expectativas dos trabalhadores ao viverem em Ampére. Em reportagem do jornal Gazeta do Povo, de outubro de 1999, fortalecendo a leitura de mudanças na cidade e de encaminhamento de possibilidades para os trabalhadores, a matéria indica o papel expressivo das mulheres empregadas na indústria de vestuário sendo chefes de família, enquanto os maridos, desempregados, ajudam nos afazeres domésticos:

Uma pequena cidade no interior do Paraná está provando que machismo é coisa do passado. Com 15 mil habitantes, conforme o IBGE, Ampére (a 150 quilômetros de Cascavel), no Sudoeste, tem fartura de emprego para as mulheres. Ex-donas de casa partiram para o trabalho fixo, enquanto os homens, desempregados ou não, passaram a assumir os serviços domésticos. Assim, eles estão garantindo mais uma fonte de renda para a família, além de eliminar antigos preconceitos.

A situação torna-se ainda mais evidente quando os homens estão desempregados e são as mulheres que pagam as contas básicas da família. Conforme levantamento informal, em Ampére, o número de homens sem vínculo empregatício é maior do que o de mulheres. Para driblar as dificuldades, eles fazem bicos temporários e quando não há serviço, tornam-se donos de casa.<sup>52</sup>

Através dessa matéria é possível perceber que a reportagem contribui para alterar o foco do que é vivenciado por famílias de trabalhadores em Ampére, destacando a eficiência da articulação do "mercado" de trabalho da cidade, com fartura de emprego para mulheres nas indústrias de confecção, não discutindo o desemprego, alto custo de

---

<sup>51</sup> AMÉLIA (pseudônimo). Entrevista concedida a Maríndia Borges Paini. Ampére, 15 de dezembro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. Amélia é ex-funcionária da Krindges em Ampére.

<sup>52</sup> VITORINO, Maria. Papéis Trocados: no interior do Paraná os homens se tornam donos de casa. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 1º de outubro de 1999, p. 14.

vida, dificuldades e pressões que levam o grande número de mulheres e homens a se vincularem ao trabalho na indústria de confecção.

A reportagem que trata a cidade como inexpressiva no cenário estadual, ao mesmo tempo, apresenta como "prática moral" interessante os enfrentamentos do desemprego experimentados por trabalhadores em Ampére. A matéria indica que é uma questão de romper preconceitos as mulheres ocuparem o papel de chefe da família, exaltando como as indústrias de confecção, presentes na cidade, ajudam a "driblar" os problemas dessas famílias.

Essa não é uma experiência isolada, mas algo comum ao universo de famílias que se mantêm pelo trabalho, realizando bicos, aceitando, inclusive, o ingresso nos postos de trabalho das confecções. Portanto, essa adesão ao trabalho na indústria de confecção expõe a existência de certas pressões de sobrevivência que fazem com que muitas dessas mulheres se dirijam ao trabalho industrial das confecções de Ampére.

O empenho dos periódicos produzidos pela Prefeitura e ACEAMP não retratam tais questões de desemprego e dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores na década de 1990 na cidade, porém é perceptível que tal parceria (empresariado e Administração Municipal) apresentasse interesse em encaminhar o trabalho nas fábricas como uma possível "solução" ao desemprego e instabilidade na geração de renda para determinados grupos do comércio, agricultura e indústria.

A indústria de confecção, de maior e menor porte, ampliou não só sua produção na cidade, mas algumas, ao longo desta última década, instalaram filiais em outros estados e cidades, além de lojas para a comercialização de artigos de vestuário, como é o caso da Krindges<sup>53</sup>. Não só os materiais produzidos pelo órgão público, imprensa e associação de classe destacam tal "avanço" e contribuição do setor industrial, Edson Flores também destaca em sua pesquisa, a importância da indústria para o desenvolvimento do Sudoeste do Paraná, em certos momentos, colocando como algo determinante para as cidades em questão.

Para o autor, essa expansão das indústrias é algo positivo, pois proporciona um amplo desenvolvimento, ele não aponta as contradições desse processo, ou mesmo os demais sujeitos envolvidos nessa relação para que a efetivação dessa proposta industrial seja possível, dizendo que:

---

<sup>53</sup> A indústria Krindges possuiu uma filial em São Miguel do Iguaçu (PR) e um escritório Regional em São Paulo, ponto central para compra, venda e para pesquisa de mercado.

O que nos chama a atenção em relação ao período de instalação das indústrias de confecções no sudoeste paranaense, é o fato de várias empresas possuírem, além das unidades produtivas, também lojas para comercialização de artigos do vestuário; o que demonstra que nessa época já existia uma relativa demanda por tais produtos nessa região. Por exemplo, ainda nos anos 1970, no município de Ampére, a família Krindges abriu uma pequena loja (loja Leoni) para comercializar (no varejo) artigos de vestuário. [...] A Krindges é um exemplo de empresa que passou de simples alfaiataria para uma considerável unidade industrial, pois enquanto em 1982 possuía apenas 20 funcionários, em 2008 passou a empregar 1.500 pessoas.<sup>54</sup>

Essa leitura da expansão industrial é recorrente nas produções, da imprensa e da academia, que tematizam a história da cidade e de seu "desenvolvimento" positivo, conciliando, muitas vezes, a "história" de Ampére com a "história" das indústrias mais expressivas, como a indústria de vestuário Krindges, ou mesmo enfatizando a história dos empresários do ramo de confecções como os personagens principais da cidade.

Também encontramos essa associação no trabalho de Danielli Batistella Saquet onde a autora menciona o crescimento no número de empregos e o crescimento populacional, associando essa expansão à instalação da indústria Krindges<sup>55</sup>. Sobre essa questão, a Revista *Ampére 38 anos* apresenta da seguinte forma essa trajetória empresarial como parte da trajetória da cidade:

[...] a empresa Krindges iniciou suas atividades em meados de 1960, Quando a família Krindges saiu de Venâncio Aires/RS para o Oeste de Santa Catarina na cidade de Guaraciaba, onde iniciaram sua primeira loja de confecção. Os irmãos Renato e Luís vendiam outros produtos em vários comércios da região, através da venda de outros produtos, como quadros, botas de couro, e vários outros artigos para outros comércios na região. Foi através dessas vendas que tiveram a oportunidade de conhecer o Paraná, e por fim chegar a Ampére, local que acharam viável para abrir uma filial da loja.

Foi então que em 1977, eles se estabeleceram em Ampére inaugurando uma loja, cujo nome era LEONI. Em 1982, abriram uma pequena confecção de calças com 20 funcionários e produziam 3.500 peças/mês, para atender a necessidade da própria loja e da região. Em 1989, teve início na cidade a indústria de confecções AICONE que tinha como sócio Jorge Krindges da LEONI e seu sogro Alci Honório Fistarol. Essa empresa iniciou com 15 funcionários e uma produção de 3.000 peças/mês.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> FLORES, Edson L. **Industrialização e desenvolvimento do Sudoeste do Paraná**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão- PR, 2009, p 75.

<sup>55</sup> SAQUET, Danieli B. A expansão da indústria de confecções no sudoeste do Paraná, **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, jul./dez. 2008 p 69.

<sup>56</sup> UMA história de sucesso In: ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. Krindges, Escrevendo o Futuro. **Ampére 38 anos**. Op. cit. Novembro de 1999, p. 32.

Essa é a interpretação da trajetória da indústria Krindges que é divulgada e construída nos periódicos comemorativos distribuídos na cidade, destacando a trajetória e luta das famílias dos empresários rumo ao “sucesso” de hoje, divulgando o slogan de que “Qualidade não se faz em um dia” e, além disso, ressaltando quem é que faz esse “sucesso”<sup>57</sup>.

No ano de 1977, o prefeito da cidade de Ampére, iniciou ações de incentivo à Indústria, pelo interesse em materializar a transformação de Ampére em Pólo industrial, para tal a própria empresa Krindges recebeu, em comodato, um barracão, como incentivo à fixação e expansão da indústria – algo comum nas relações de expansão e permanência industrial nas cidades brasileiras, colocando em situação satisfatória os grupos empresariais que pressionam para essa permanência a partir de renovados incentivos públicos.<sup>58</sup>

Mas essa prática se intensificou na década de 1990 quando a empresa ampliou seus negócios, aumentando o número de funcionários e de produção, o que se intensificou diante da fusão da empresa Leoni e Aicone, que existiam concomitantemente na cidade, até a fusão das duas empresas em 1998.<sup>59</sup>

Com as entrevistas realizadas para essa pesquisa pude perceber como determinados trabalhadores organizam a vida e decidem sobre os postos de trabalho a enfrentar. Carlos, quando questionado se a vida dele havia mudado depois que ele veio do campo para trabalhar na cidade de Ampére, na indústria de vestuário, ele destaca: “Pra mim melhorou bastante, porque eu não tinha casa, não tinha carro e hoje eu tenho casa e carro.”<sup>60</sup>

As conquistas agora enumeradas, “casa e carro” apontam que as dificuldades em se manter na vida rural incentivaram a crença nas novas possibilidades do viver na cidade e ir trabalhar nesta empresa, onde está até hoje. Durante a nossa conversa seu interesse foi demonstrar um caminho de escolhas arriscadas, mas que deu certo, indicando que estar lá após tanto tempo é, ao mesmo tempo, sinal de um bom trabalho

---

<sup>57</sup> Ibidem p. 47

<sup>58</sup> O Regime de Comodato é o sistema mais comum de incentivo municipal, que consiste na cessão, por parte da Prefeitura, do barracão com todas as condições necessárias para o funcionamento da empresa enquanto que o empresário assume a responsabilidade de fazer sua indústria progredir no período máximo de 10 anos. Nesse caso o município concede o terreno com água, energia, terraplenagem e pavimentação e o empresário complementa o investimento, com direito a posse definitiva após cinco anos de atividade. Retirado da revista **Ampére 34 anos**.

<sup>59</sup> <http://www.krindges.com.br/site/>

<sup>60</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampére, 29 de setembro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. Primeira entrevista.

desempenhado todos esses anos e de poucas expectativas de outras conquistas saindo de lá, remetendo-se a idade e pouca escolarização. Por não estar em atividades de maior risco à saúde, consegue indicar que sua posição na empresa é satisfatória, pois permitiu criar os filhos e que esses estudassem.

Ao lidar com os trabalhadores que estão ou estiveram em indústrias de confecção em Ampére, acredito que eles compartilham práticas e padrões (de trabalho, de consumo, de moradia, de alimentação, de necessidades), contudo nem mesmo as ações para encaminhar essa condição de classe são homogêneas. Por vezes esses padrões são alterados diante de situações que movimentam a experiência desses trabalhadores: novos cargos, como os adquiridos por Carlos, diminuição de renda familiar, desemprego, problemas de saúde etc.

Há, também, os modos como esses trabalhadores lidam com as diferentes relações e análises que fazem da trajetória que construíram na sociedade, um ponto de partida para avaliarem mudanças, permanências, decisões e, muitas vezes, negando-se a inserir no trabalho industrial de confecção, ou ficando por tempo limitado, por reconhecer os enfrentamentos de outros trabalhadores que não querem para si, desde acidentes de trabalho, afastamentos, ou até mesmo demissões por problemas de saúde e enfrentamentos de litígios trabalhistas.

A trabalhadora Berenice também experimentou essa decisão, ainda que tenha passado por dois anos e meio na indústria de confecção (maio de 2008 a novembro de 2010), resolveu sair da empresa em busca de outro trabalho, que lhe proporcionasse "mais satisfação" e melhor salário, um ritmo de trabalho mais leve e horários mais flexíveis.

De acordo com a tabela do CAGED os postos de trabalho que se destacaram em Ampére no século XXI são os de costureiro(a) e de alimentadores de linha de produção, tendo sempre uma rotatividade entre esses dois postos de trabalho e, nos últimos anos, ganha destaque também o impregnador de madeira, o passador de roupas e o auxiliar de escritório.

Mas Berenice, durante a entrevista, quando questionada sobre a vontade de trabalhar em outra empresa, mesmo ainda trabalhando na Krindges responde:

Tipo na cidade é poucas as empresas que pagam bem e que aceitam mulheres, porque tem bastante indústrias de móveis, que são as que pagam melhor, mas não aceitam mulheres, só homens, aí o que sobra

é as empresas de costura, de facção, vestuário, que acaba ficando por um salário baixo e que são as únicas que aceitam mulheres.<sup>61</sup>

Os trabalhadores reconhecem o mercado de trabalho presente na cidade, não se direcionam ao trabalho da indústria de confecção por acreditarem no melhor salário, ou nas melhores relações de trabalho, lidam com um mercado que pressiona para um campo restrito de possibilidades, seja no comércio, no serviço público e no serviço temporário, haja vista que, naquele momento avalia que “as que pagam melhor [...] não aceitam mulheres”.

Tanto que quando Berenice deixa o trabalho industrial, meses após a entrevista, ela passa a trabalhar como vendedora em uma loja do comércio da cidade, considerando, ainda assim, as atividades no comércio como mais vantajosas que a continuidade na indústria em 2011, porém não deixa de ser contraditória sua argumentação sobre essa mudança, pois o trabalho no comércio amplia o horário diário, não paga com grande diferencial de valor em relação à indústria, mas permite que o tempo não seja extremamente controlado e intensificado pelas metas de produção diária, como experimentava na Krindges.

Todas essas pressões e restrições vividas pelos trabalhadores esbarram e contradizem a tentativa de promover Ampère como “cidade de progresso”. Na tentativa de convencer a população de que se as indústrias vão bem, todos os sujeitos também irão bem, a massiva produção pela mídia que enfatiza essa versão continua.

Além disso, procuraram definir onde grande parte de homens e mulheres deveriam se dedicar ao trabalho, homens na indústria de móveis e mulheres na indústria de vestuário. Porém, ainda que as pressões estejam sobre os trabalhadores, às tentativas de reencaminhar decisões de trabalho continuam, principalmente com a propagação de notícias de familiares e conhecidos com problemas de saúde advindos do trabalho, excesso de trabalho sem remuneração etc.

A formulação apresentada em 1995 parece extremamente atual pela continuidade dessa ênfase, porém o que ela sugere é uma tentativa nas últimas décadas de afirmação desse propósito em contraponto à divulgação dos péssimos salários e adoecimentos, propondo assim uma adesão dos trabalhadores da cidade ao projeto industrial em curso:

---

<sup>61</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampère, 03 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência.

Para esse município chamado progresso, o povo é seu maior orgulho. Hoje somos um pólo industrial em pleno desenvolvimento e estamos de portas abertas para novos investimentos. Junte-se a nós nessa caminhada para o crescimento. Essa terra de todos tem um lugar para você.<sup>62</sup>

Essa aproximação de interesses é uma tentativa que permaneceu nas ações da Administração Municipal. As festividades de 50 anos, ocorridas em 2011, indicaram a década de 1990 como marco da “mudança da característica agrícola da cidade até meados de 90 para a industrialização”<sup>63</sup>, sendo este o carro chefe de divulgação e marketing das ações “em progresso” destacadas em Ampére no desfile municipal e na visibilidade que ganhou nos meios de comunicação.

Através dessa construção é possível indicar que a pretensão é manter e expandir os investimentos industriais na cidade de Ampére. Ao perguntar a Berenice sobre o que pensava de Ampére, ela pontua que “É uma Cidade boa, eu gosto de morar aqui, é bem tranquilo, mas o problema é as oportunidades, porque aqui você não tem oportunidades, se você quiser ser alguém, você tem que sair daqui”<sup>64</sup>.

Com essa fala noto que a avaliação que faz desse processo de mudança na sociedade não trouxe para a cidade transformações que garantissem a construção de expectativas de permanência para muitos trabalhadores. Berenice, com os seus 19 anos, acredita que os postos de trabalho oferecidos pela industrialização em Ampére não permitiram mudanças significativas no modo de vida de certos trabalhadores que almejam alterar sua condição de classe (moradia, alimentação, estudo, cuidados com os filhos, com a saúde etc.).

Acredita que, para muitos, promover mudanças significa ser necessário sair da cidade, tentar outras oportunidades em outros lugares, ainda que esse caminho não tenha sido trilhado por ela até o momento, o qual reconhece em muitos de seus parentes e amigos como uma prática já realizada, inclusive pela pesquisadora que a entrevistava.

A cidade de Ampére divulgada como Pólo industrial, tenta garantir esse adjetivo por oferecer postos de trabalho significativos na área de confecção do sudoeste, como sugere as pesquisas do IPARDES. As quais apontam 21 indústrias de confecção

---

<sup>62</sup> ACEAMP e PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Op. cit. Dezembro de 1995, p. 96.

<sup>63</sup> ALVES, Julio C. Desfile marca 50 anos de Ampére. Rádio Ampére AM. 21 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.radioampere.com.br/2011/noticia.php?id=4230>, Acesso em: 15 de maio de 2012.

<sup>64</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampére, 03 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência.

gerando 1.512 empregos<sup>65</sup>. Na cidade, encontram-se várias indústrias – de grande e pequeno porte – que sustentam, em grande medida, a economia e interesses dos grupos hegemônicos da cidade<sup>66</sup>.

Também contribui para a expansão da indústria de vestuário na cidade o trabalho desenvolvido pelo SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas) e SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) em parceria com as APLs (Rede de Arranjos Produtivos Locais)<sup>67</sup>, o qual propõe direcionar a formação dos trabalhadores para os postos de trabalho das empresas e comércio da cidade, procurando, de certo modo, atrair investimentos e, ao mesmo tempo, responder às pressões do desemprego e às expectativas de empresários e grupos políticos para promover "indicativos de desenvolvimento" na cidade e aumentar suas áreas de influência e retorno financeiro, como indica o trecho abaixo:

Em 2000 o sudoeste registrou a maior taxa de atividade e a menor taxa de desemprego dentre todas as mesorregiões paranaenses, bem como um crescimento do emprego formal acima da média estadual, fatores que, certamente, condicionam parcela significativa do seu bom desempenho geral.<sup>68</sup>

De acordo com os dados do (RAIS) Relação Anual de informações Sociais, nos municípios do Sudoeste foram identificados 141 estabelecimentos que geraram 4.420 empregos em 2004, sendo que Ampére lidera o Ranking, sendo a cidade que mais oferece empregos. Todas essas considerações parecem destoar da realidade de desemprego que permeou a cidade na década de 1990 e que se prorroga na virada dos anos 2000. A Tabela abaixo sugere uma reflexão sobre esses apontamentos:

TABELA 3- Número de empregos e estabelecimentos no segmento de confecções - 2004

Município	Total		Confecções de peças de vestuário (exceto roupas íntimas)	
	Empregos	Estabelecimentos	Empregos	Estabelecimentos

<sup>65</sup> IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico município de Ampére** gerado em maio de 2011 p. 15

<sup>66</sup> \_\_\_\_\_. **Leituras Regionais: Mesorregião Geográfica Sudoeste Paranaense**. Curitiba: IPARDES/BRDE, 2003.

<sup>67</sup> APL. **Arranjo Produtivo Local de Moda Masculina do Sudoeste do Paraná**. Curitiba: IPARDES/Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral, dezembro de 2006.

<sup>68</sup> IPARDES. **Leituras regionais: mesorregiões geográficas paranaenses**. Curitiba, 2004, p. 7.

<b>Ampére</b>	1.528	10	1.515	9
<b>Barracão</b>	67	4	27	2
<b>Capanema</b>	178	3	175	2
<b>Dois Vizinhos</b>	706	7	680	6
<b>Francisco Beltrão</b>	717	36	692	24
<b>Pato Branco</b>	243	30	140	13
<b>Planalto</b>	36	2	36	1
<b>Pranchita</b>	40	3	40	3
<b>Realeza</b>	83	9	75	7
<b>Salto do Lontra</b>	93	6	57	4
<b>Santo Antônio do Sudoeste</b>	729	30	729	30
<b>TOTAL</b>	4.420	140	4.166	101

FONTE: MTE-RAIS apud APL<sup>69</sup>.

Os índices apontados nesta tabela de 2004 indicam que mesmo Ampére tendo menos estabelecimentos que Francisco Beltrão emprega mais, tudo isso, é claro, vinculado aos postos de trabalho nas indústrias de vestuário. Porém, nem todos os trabalhadores da cidade se resumem a esses postos de trabalho, ou muitas vezes já vivenciaram essa relação de trabalho e procuram novas vagas.

O que se observa é uma concentração de mercado, procurando pressionar trabalhadores a preencherem essas vagas. Contudo, o que se tem nesse processo é que muitos trabalhadores dirigem-se a cidades limítrofes, Realeza e Francisco Beltrão, ou mesmo atividades no campo, procurando ampliar o mercado de trabalho.

A intensificação dos investimentos na indústria de vestuário ocorreu por diversos motivos na década de 1990, onde as atividades de investimento industrial começam a ganhar maior incentivo municipal, um dos motivos é a explicação recorrente que coloca a saída do campo como impulsionada e, ao mesmo tempo, motivadora desse

<sup>69</sup> APL. **Arranjo Produtivo Local de Moda Masculina do Sudoeste do Paraná**. Op. cit., dezembro de 2006, p. 8.

processo de industrialização na cidade. Tal reflexão se faz presente nos apontamentos feitos por Edson Luiz Flores em sua dissertação de Mestrado:

A população da Região, especialmente a residente no campo, vivia, em muitos casos, em condições precárias de habitação, de vestuário e inclusive de alimentação. Tal fator parece ter sido importante para que grande parte da população começasse a trocar o campo pelas cidades, especialmente a partir dos anos de 1970. (...) Verificamos que as condições de vida da população contribuíram para que certo “êxodo rural” começasse ocorrer na região<sup>70</sup>.

Os indícios apontados pelo autor procuram indicar que “certo ‘êxodo rural’” de trabalhadores deveu-se à associação entre as “condições de vida” no campo e as possibilidades da cidade, colocando como marco a década de 1970. Entretanto, interessa nesse trabalho, ampliar o foco de análise dessa relação campo-cidade, observando que condições pressionaram e ainda pressionam tais alterações, além do que ele indica como uma “atração exercida pela cidade”, mas percebendo as motivações que determinados trabalhadores tiveram para vislumbrar na cidade, ou em outras cidades e campos, a tentativa de uma vida melhor.

Como notamos na entrevista realizada por Motta, ao discutir o processo de industrialização em Ampère, a entrevista de Moacir, ex-agricultor, que sai do campo em busca de novas expectativas na cidade, aponta que

Na época a gente...[ouvira] comentários assim que quando a pessoa chegasse numa idade mais avançada, a firma já não tem vontade de contratar. Então eu pensei... um ponto foi esse e outro o estudo das piizadas... que, morando no interior tinha ônibus pra vim pra cidade estudar. Mas quando chove, o ônibus não vem. Então a criança passa de ano sem saber... muitas matérias ficam em branco e eles não aprendem o suficiente. Então, morando na cidade... nós iríamos trabalhar em quatro né?! Aí você já conta que aqui eu ficaria melhor...<sup>71</sup>

De acordo com a fala do entrevistado fica evidente que sua motivação para saída do campo é ter uma vida melhor e poder proporcionar estudos para seus filhos, tendo a pretensão de obter uma maior renda para o sustento da família, sendo que na casa são em 4 pessoas para trabalhar. A vinda de famílias como a de Moacir para a cidade também são motivadas por notícias de outros amigos e parentes que já tinham feito esse caminho e auxiliavam nos primeiros tempos da mudança.

<sup>70</sup> FLORES, Edson L. **Op. cit.**, p72.

<sup>71</sup> MOACIR (pseudônimo). Entrevista realizada por Neli Gehlen Motta. Ampère, 07 de julho de 2011, em sua residência, funcionário de indústria do vestuário apud MOTTA, Neli. G. **Op. cit.**, p 59.

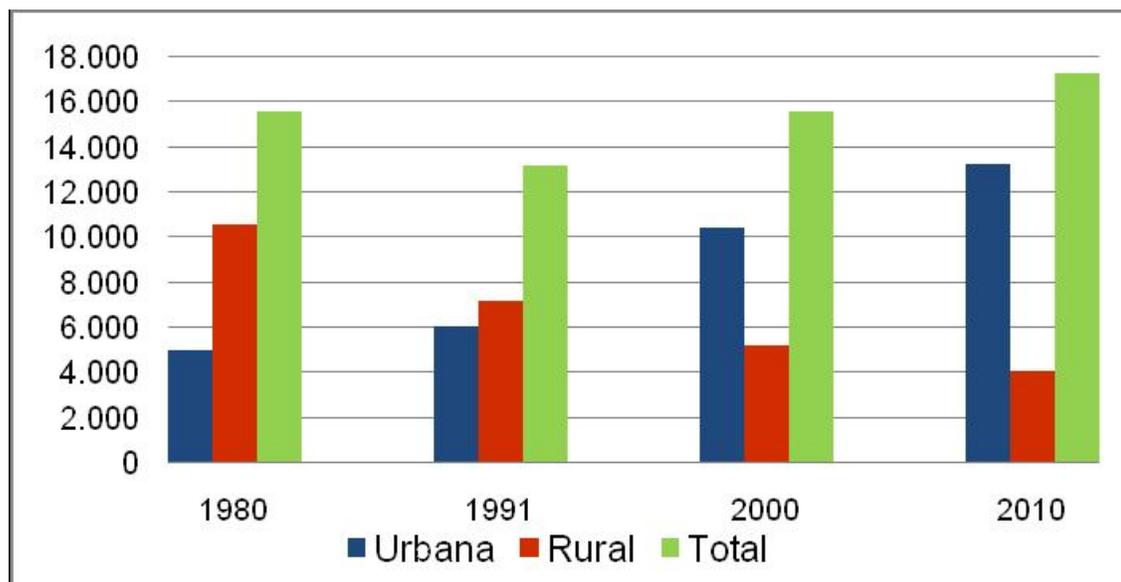
Margarida, assim como Moacir, deixou o campo em 1995, alegando que a vida no campo era muito difícil e via na cidade uma oportunidade de melhora.

Naquela época a vida no interior era difícil, principalmente pros jovens. Não tinha muita expectativa. E como o município tava em fase de crescimento, de industrialização, era uma oportunidade que a gente via de ter uma renda própria.<sup>72</sup>

Essa fala indica que houve uma promoção e até certo incentivo para que os jovens estivessem mais interessados em tentar novas possibilidades na cidade, do que permanecer no trabalho no campo. Evidentemente, que a entrevistada foi motivada pela entrevistadora a relacionar o processo de industrialização com sua vinda para a cidade e, portanto, o peso dessa questão na sua decisão, haja vista que aponta o interesse em possuir uma renda própria e não se vincular à indústria. Talvez avaliando um aumento da renda e do consumo na cidade, portanto contribuindo para a instalação de um negócio próprio.

Essa questão da saída do campo para a cidade, não pode ser ignorada, principalmente analisando as alterações, mapeadas pelos órgãos de pesquisa, na localização desses sujeitos ao longo das últimas décadas, como percebemos através do Gráfico I abaixo:

Gráfico I – Alterações populacionais na área urbana e rural de Ampére-PR



<sup>72</sup> MARGARIDA (pseudônimo). Entrevista realizada por Neli Gehlen Motta. Ampére, 08 de julho de 2011, em sua residência.

Fonte: [www.ipardes.pr.gov.br](http://www.ipardes.pr.gov.br) – adaptado por Motta<sup>73</sup>.

Através do gráfico podemos analisar que não é só uma inversão do campo para cidade, mas sim um deslocamento para outras cidades, vendo na saída do meio rural um campo de possibilidades de vida e de trabalho, que não está decidido indefinidamente, é constantemente reavaliado.

Através da análise do gráfico é possível perceber que a partir da década de 1990 começa a decair o número de pessoas que vivem na zona rural e também na cidade, pois não foi apenas uma transferência para a zona urbana o que ocorreu, houve uma significativa diminuição na população total do município. O que possivelmente se relacione à diminuição de postos de trabalho no campo e falta deles na cidade, pressionando investimentos mais consideráveis no mercado de trabalho urbano e industrial de meados da década de 1990 em diante.

No decorrer das duas últimas décadas esse estímulo industrial também influenciou no processo de inversão entre a presença populacional no campo e na cidade em Ampére, além da movimentação interna de trabalhadores, é possível perceber que estava se processando um aumento da população no município em relação ao decréscimo sentido na década de 1990.

Esse processo sugere que parte das iniciativas econômicas empreendidas pela Administração Municipal pode ter sido motivada pela disposição em dinamizar na cidade atividades que fixassem trabalhadores e potencializassem o possível “desenvolvimento industrial” e restringisse a saída de trabalhadores para outras cidades e possibilidades de trabalho associadas a alterações nas condições de vida.

O processo de expansão do ramo de vestuário indicou alterações bastante expressivas nas relações de trabalho no campo e na cidade e, em particular, em Ampére-PR principalmente a partir da década de 1990. O meio rural, ainda relevante na economia amperense, tinha maioria de incentivos e frentes de trabalho como apresentou a Tabela 1, destacada na página 32, o que foi sendo alterado com a promoção da expansão urbana e o desenvolvimento industrial que o Poder Público tinha interesse em impulsionar a partir de 1989.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Tabela retirada da monografia intitulada como “Um Município Chamado Progresso”: Discursos Acerca da Cidade de Ampére-Pr (1986-2010) da autora Neli Gehlen Motta - Marechal cândido Rondon –PR 2011, p. 58

<sup>74</sup> ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 34 anos**. Op. cit., p 27 e 28.

De acordo com o trabalho de Márcio Rodrigo Danielli, a partir da década de 1990 o município de Ampére tem se destacado por ter um grande pólo industrial instalado, que gera empregos para o Município:

Projetos foram elaborados, visando melhorar a situação econômica do município, através de aumento de arrecadações de tributos; também existia grande preocupação com o lado social, na geração de mais vagas de emprego para a população.<sup>75</sup>

Através da leitura desse trabalho fica a imagem de um projeto implementado, é possível notar que as pessoas não aparecem, o que o autor faz em seu trabalho é reforçar leituras de matérias oficiais, sem criticidade, como se fosse algo incontestável, ou seja, menciona Ampére como uma cidade em que a Administração Municipal age para desenvolver.

O autor destaca e enfatiza os "pontos positivos dos investimentos". Além disso, apesar do foco dele não ser o campo, ele sequer menciona o meio rural como parte da produção econômica do município, como se Ampére fosse só urbana e, conseqüentemente, industrial.

Amélia, uma das trabalhadoras entrevistadas para esse trabalho, resolveu sair do campo no dia 20 de setembro de 2005 para trabalhar na cidade, pois sentia insegurança de manter a renda diante das possibilidades de produção, pois aponta que na agricultura era um serviço muito pesado “e que agricultura era pequena, dependia muito das condições do clima, era mais difícil, não tinha dinheiro todo mês, era só na safra”<sup>76</sup>.

E então veio pra cidade, com seu marido e sua filha e foi trabalhar na Indústria que estava oferecendo vaga de serviço. Ela sabia da vaga pois tinha parentes que já trabalhavam na indústria. E seu marido foi trabalhar em um clube de lazer, cortando grama e limpando as piscinas.

A entrevistada era pequena proprietária de terra, sendo que a propriedade era dividida entre duas famílias, era um alqueire e meio para cada, o que garantia uma renda apertada, quando não havia riscos na produção, além do trabalho intenso. Amélia tinha expectativas de alterar essa condição vindo para cidade, como outros familiares já haviam feito. Ela pretendia ter uma casa, um trabalho mais leve e uma renda mensal.

---

<sup>75</sup> DANIELLI, Márcio Rodrigo. **Estudo sobre a participação das indústrias de confecção no nível de emprego e renda no município de Ampére - PR no período de 1980 a 2002.** (Graduação em Ciências Econômicas) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão – PR, 2004, p. 16

<sup>76</sup> AMÉLIA (pseudônimo). Entrevista concedida a Maríndia Borges Paini. Ampére, 15 de Dezembro de 2010, em sua residência. Primeira entrevista.

Quando a entrevistei, havia seis anos que ela estava na cidade, Amélia ainda não tinha casa própria, morava em uma casa cedida, em razão do emprego de seu marido, mas tinha o sonho de construir sua própria casa. A vinda para a cidade, contraditoriamente, apresenta novas pressões para serem sentidas no dia a dia dos trabalhadores, ainda mais agora com os problemas de saúde, adquiridos após um ano de trabalho na indústria de vestuário Krindges, entre 2006 e 2007.

Carlos também ex-agricultor, morava com seus pais desde criança no campo, onde tinham uma pequena propriedade de seis alqueires, plantavam feijão, milho, arroz. Ele aponta que gostava de morar no campo, mas saiu porque seus pais vieram pra cidade, mas alega que não se arrepende de ter vindo embora, pois sua vida melhorou muito depois disso, pois tinha muitas expectativas para o futuro e, ficando no campo, não ia conseguir realizá-las, haja vista as limitações para a produção familiar, sendo dividida entre muitos familiares.

Carlos saiu do campo e veio trabalhar na cidade com 22 anos indo direto para a indústria de vestuário, estando nesta mesma empresa há 10 anos. Ao retomar sua trajetória e a vida no campo ele aponta que: “O trabalho na agricultura era sofrido, a gente trabalhava bastante, ganhava pouco, naquela época (década de 1970) com tanta gente, era plantado bastante, mas as despesas eram bastante, 14 irmãos e 12 estavam em casa”<sup>77</sup>.

Carlos aponta como era o trabalho na agricultura, o trabalho era pesado e eles eram crianças e tinham que trabalhar, mas mesmo assim a renda não era suficiente para manter a sobrevivência de tantos filhos. Possuir um pedaço pequeno de terra não indicava condições tranquilas para a manutenção da família e expansão de produção porque faltava dinheiro para investir em incentivos, possibilidades de crédito, manter-se frente à concorrência e aquisição de maquinário.

Ele destaca tudo isso porque avalia no presente que suas condições hoje estão melhores do que essa, inicialmente vivida e rememorada na entrevista. Agora ele tem casa própria, carro, conseguiu dar estudos para seus filhos, tem uma vida que considera ser boa, mas ainda limitada.

Quando questionado sobre a vida no campo, hoje ele alega que “o campo está terminando, e se continuar desse jeito só vai ter o fazendeiros e o resto vai vir tudo para

---

<sup>77</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampère, 16 de agosto de 2011. A entrevista foi realizada em sua residência. Segunda Entrevista.

a cidade”<sup>78</sup>. Podemos associar essa fala de Carlos com a entrevista realizada pela autora Motta, com seu Moisés, onde ela o questiona sobre o crescimento da cidade e ele destaca que,

[Ampére] Cresceu, cresceu bastante. Agora nos últimos anos é que ela expandiu mais, abriu tudo... onde era terreno, assim, de plantio virou loteamento e tão se colocando, tão se colocando né... Só que eu não sei não, se isso aqui continuar desse jeito... eu não sei pra que rumo vai... porque... vai virar tudo cidade! E daí? E fora que o os colonos pequenos tão sumindo... se escuta no rádio: “vende-se dois alqueires de terra”, outro “vende-se 5 alqueires de terra”... Aqueles mais miúdo tão vendendo e vem pra cidade, vem pra cidade... e o grande vai pegando! Daí vai ficar uma meia dúzia no interior mandando.<sup>79</sup>

Através da fala de Carlos e Moisés é possível perceber que os dois estão preocupados com o modo como a expansão da cidade limita as atividades no campo, especificamente, de pequenos agricultores, que estão desistindo da vida no campo e se dirigindo a área urbana, pois as terras estão se concentrando nas mãos de uma pequena minoria.

Uma preocupação sobre a expansão da grande propriedade em detrimento da presença de trabalhadores rurais, arrendatários e pequenos proprietários, que não conseguem disputar mercado, manter-se com funcionários e familiares na produção, ou mesmo resistir às quedas de produção, problemas de saúde e manter parcerias com empresas, cooperativas etc.

A discussão apresentada em “*Um Novo Modelo para a Organização e Administração da Propriedade Familiar: O Caso de Vargem Bonita – Ampére – PR*” propõe indicar que nem todos os pequenos proprietários deixaram o campo e, de acordo com as pesquisas feitas pelos autores em questão, no município de Ampére, a maioria dos proprietários plantam milho e soja. Os autores indicam como e com quais atividades esses proprietários conseguem se manter na atividade rural, sugerindo que:

80% das propriedades possuem menos de 15 hectares e em torno de 60% são formadas por até três integrantes e está em estágio de envelhecimento, já que entre 40 e 50% da população, de 181 pessoas, tem idade acima de 35 anos.<sup>80</sup>

<sup>78</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampére, 16 de agosto de 2011. A entrevista foi realizada em sua residência. Segunda Entrevista.

<sup>79</sup> MOISÉS (pseudônimo). Entrevista realizada por Neli Gehlen Motta. Ampére, 06 de julho de 2011, em seu estabelecimento comercial, proprietário de um moinho e descascador de arroz apud MOTTA, Neli. G. **Op. cit.**, p 61.

<sup>80</sup> GOIS, José. F. et. al. “Um Novo Modelo para a Organização e Administração da Propriedade Familiar: O Caso de Vargem Bonita – Ampére – PR”. In: XII Encuentro de Geógrafos de América Latina. **Anais...**

Essa é uma pesquisa recente que demonstra o agravamento de uma questão no meio rural que na década de 1990 apontava uma inversão nos caminhos de residência de grande parte de trabalhadores rurais, pequenos proprietários e arrendatários. Uma avaliação que se aproxima da indicada pelos entrevistados que avaliam, nesse momento, suas dificuldades na cidade como compensatórias, devido os rumos que o viver no campo tomou, para quem tem pequenas propriedades e não tem capital, colocando-se na condição de quem arrenda ou meia produção.

A tabela produzida pelos autores aprofunda essa questão:

TABELA 4 – Área das propriedades em Vargem Bonita, Ampére-PR

Área	Frequência	Área	Frequência
Até 1 há	07	16-20 há	09
1 – 5 há	08	21-25 há	04
6 – 10 há	09	Mais de 24 há	04
11 – 15 há	10	Não possui	06

Fonte: GOIS et al. **Op. cit.**, p. 10

Hoje a dimensão de terras não indica a condição efetiva de rendimentos e nem que esse proprietário enfrenta a mesma realidade que há 30 ou 40 anos atrás, haja vista que o principal diferencial será as condições que possui para se inserir na grande produção com maquinário, implementos, aumento da produtividade etc. Desse modo, não basta indicar apenas a dimensão de terras não aponta que é uma “agricultura familiar” distante da grande produção e do agronegócio.

Como é o caso do agricultor entrevistado no trabalho de Jaqueline Cunico<sup>81</sup>, o senhor Danilo Dunke, de 51 anos, morador da linha Flor do Oeste, distrito de Iguaporã em Marechal Cândido Rondon, que possuiu uma propriedade de apenas 5,5 alqueires de terra e foi indicado pelo técnico da Frimesa como sendo um dos maiores produtores de leite da região.

Montevideo/Uruguai: Universidad de La República, abril de 2009. Disponível em: <egal2009.easyplanners.info/area07/7488\_Gois\_Jose\_Francisco\_de.pdf>, Acesso em: 15 de abril de 2012.

<sup>81</sup> CUNICO, M Jaqueline. **A produção de Leite para a Frimesa Cooperativa Central e as Relações de Trabalho no Campo do Oeste do Paraná**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2011, p.18

Mesmo a produção que seu Carlos e seus familiares produziam na década de 1970 e que abriram mão diante da expansão desse modo de produzir, indica ser necessário investimento, pois o pequeno produtor, ao possuir apenas o trabalho familiar - e correndo riscos judiciais com contratação de trabalhadores sem regularidade trabalhista - não consegue disputar e se inserir plenamente, sendo o primeiro a sofrer com endividamentos, perda de safra e desestímulo dos filhos a permanecerem nesse modo de viver e trabalhar, fortalecendo outros proprietários, ou empresários que se propõem a comprar as terras e associar investimentos no campo e na cidade.

Os autores que investigaram a região de Vargem Bonita não apontam essa complexidade de distinção, partem apenas do interesse em comprovar que há lugar para o pequeno produtor, ou melhor, para a pequena propriedade, na dinâmica atual de produção no campo, porque encontram um número significativo de propriedades em dimensões menores.

A fixação de certo número de trabalhadores e proprietários no campo, também é motivada pelos inúmeros investimentos que foram feitos na agricultura pela Prefeitura Municipal, como apresenta a revista *Prestando Contas, Ampére 2001-2002-2003*:

Valorizar o homem do campo tem sido um dos grandes objetivos da administração municipal. Com este objetivo vários projetos audaciosos foram realizados como a bovinocultura de leite, sericicultura, projetos ambientais, fruticultura, agroindústrias, avicultura, suinocultura, etc.<sup>82</sup>

O incentivo rural se mantém associado ao projeto industrial e não só nos últimos anos, pois desde a indicação desse propósito urbano não interessava que todos deixassem o campo, era preciso garantir a fixação e a produção no campo, como é apresentado na matéria da revista **Ampére 38 anos**:

Com o objetivo da permanência do homem no campo, evitando assim o êxodo rural, e o desemprego, o município de Ampére investe em programas que incentivam o aumento da renda e melhoria da qualidade de vida dos moradores do interior. Como consequência, a Agroindústria tem se desenvolvido fazendo crescer toda a região também em infraestrutura. A prefeitura trabalha para facilitar o acesso cidade-campo, ao mesmo tempo em que facilita a vida de milhares de cidadãos que já não querem abandonar o meio rural.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> PREFEITURA Municipal de Ampére. **Prestando Contas –2001-2003**. Francisco Beltrão: Gráfica e Editora Berzon. Janeiro de 2004, p.17 apud MOTTA, Neli. G. **Op. cit.**, p. 48.

<sup>83</sup> ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 38 anos**. Op. cit., p. 65.

Essa Revista, produzida em 1999 destaca essa discussão, pois, nesse momento, estava ocorrendo um amplo incentivo e expansão das indústrias de vestuário, mas a prefeitura também lida com a contenção dessa saída do campo, haja vista que a agricultura ainda hoje contribui significativamente para a economia da cidade.

Esse empenho não é porque os grupos hegemônicos se distinguem ao discutir os empreendimentos rurais e urbanos, mas porque muitas vezes eles compõem investimentos comuns. Empresários e investidores do campo, em grande medida, compõem interesses e atuação na classe dominante nessas duas frentes. Nesse sentido, o investimento nas indústrias não está desvinculado da produção do campo, ou mesmo dos rendimentos que possam advir dessas relações de produção campo/cidade. Assim como o capital circula por esses setores, os trabalhadores também transitam por esse universo e, por vezes, têm que lidar com um campo de exploração continuamente desigual.

Ao lidar com os processos trabalhistas vinculados a Krindges, José se colocou como um trabalhador do campo que propunha via advogado rever sua relação de trabalho com o grupo empresarial, dono das terras em que trabalhou. O trabalhador residente na área rural de Francisco Beltrão-PR trabalhou na propriedade da Krindges em Ampére entre 2007 e 2009.

A análise dos autos processuais de José, localizados na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão, permitiu identificar investimentos no campo e na cidade e, também, uma prática recorrente nas relações de trabalho do grupo empresarial. José foi contratado em 25 de janeiro de 2007 para trabalhar em um sítio em Ampére, pertencente ao grupo empresarial de Indústria de Vestuário Krindges, com instalações também em Ampére.

José, tido como trabalhador rural é apresentado pelo advogado com remuneração inicial de R\$ 25,00 (vinte cinco reais) por dia e sem carteira assinada. Sua demissão ocorre em 06 de março de 2009, sem justa causa, conforme autos processuais<sup>84</sup>.

O Advogado de defesa de José alega que ele trabalhava de segunda a sexta das 7h30min às 17h30min. Mas, como prática do advogado da empresa ao tentar deslegitimar o pedido do advogado de defesa, indica que as atividades desenvolvidas pelo trabalhador durante seu contrato de trabalho foram “preparar o solo, carpir, roçar,

---

<sup>84</sup> PARANÁ. Vara do Trabalho de Francisco Beltrão. **Processo Trabalhista** [Francisco Beltrão], n° 00368-2009. Envolvidos “Krindges Industrial Ltda.” e o trabalhador José Silva (Pseudônimo) Juíza: Ilse Marcelina Bernardi Lora. Francisco Beltrão, Abril de 2009. documentação arquivada na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão-PR. Consulta em 15 de julho de 2011.

reflorestamento, passar veneno para as formigas, secante, plantio de árvores, aguardar plantas, adubar e desgallar”<sup>85</sup>.

O advogado do trabalhador entrou com um processo contra a empresa em 26 de maio de 2009, após dois meses de sua demissão, alegando que a mesma não assinou sua carteira e também reclamando o pagamento do salário “In natura”, o pagamento de férias atrasadas e adicional de insalubridade no grau máximo, pois mantinha contato com venenos, secantes, adubos, herbicidas e inseticidas.

Na composição dos autos, a empresa se defende alegando que o trabalhador foi contratado como boia-fria, recebendo por dia e, por isso, não teve sua carteira assinada, pois não trabalhava todos os dias. Ao fazer essa indicação, o advogado patronal coloca a fragilidade das relações de trabalho com diaristas e como esse subterfúgio é uma prática utilizada nas disputas trabalhistas e na própria admissão de trabalhadores ainda com respaldo jurídico.

Na defesa da empresa, o advogado ainda sugere que:

Não é verdade que o labor fosse insalubre, pois, o trabalho executado pelo autor consistia plantio, replantio, carpinagem e coroamento das mudas, a aplicação de venenos e inseticidas, não se dá na fase de plantio, não havendo como admitir-se qualquer grau de insalubridade nas atividades desenvolvidas pelo reclamante.<sup>86</sup>

Através dessa fala a empresa alega que não precisa pagar adicional de insalubridade para o trabalhador, pois afirma que ainda que houvesse trabalho insalubre:

Certamente o seria em grau mínimo, nunca máximo, pois se houvesse a aplicação de defensivos, esses seriam aplicados a céu aberto e, com o fornecimento dos equipamentos de proteção exigidos, pois eventual intoxicação geraria vários transtornos não só para a reclamada, mas sim a terceiro.<sup>87</sup>

O processo teve início após a demissão sem justa causa do trabalhador em questão, tendo duração de dois meses. O advogado de José pediu a quantia de R\$18.297,98 na apresentação da causa, sendo que no dia 24 de junho de 2009, essa quantia foi rejeitada, tendo assim mais uma audiência no dia 22 de Julho de 2009, onde

---

<sup>85</sup> Ibidem, p.03.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 38

<sup>87</sup> PARANÁ. Vara do Trabalho de Francisco Beltrão. **Processo Trabalhista** [Francisco Beltrão], n° 00368-2009. Envolvidos “Kringes Industrial Ltda.” e o trabalhador José Silva (Pseudônimo) Juíza: Ilse Marcelina Bernardi Lora. Francisco Beltrão, Abril de 2009, p. 38. Documentação arquivada na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão-PR. Consulta realizada pela autora em 15 de julho de 2011.

o processo foi encerrado com uma conciliação entre as partes. Nessa conciliação José recebeu a quantia de R\$1.000,00, a ser pago em duas parcelas.

Muitas vezes os trabalhadores não vêem motivações para a continuidade do processo, talvez por falta de testemunhas em seu favor, ou pelo fato de não estar com doenças aceitas em juízo como associadas ao trabalho e assim não alcançam com tranquilidade a legitimidade de suas reivindicações sobre a exploração vivenciada, principalmente porque o ponto de partida do trâmite processual envolvendo causas trabalhistas quase sempre a narrativa dos advogados das empresas colocam sob suspeita os trabalhadores.

José acabou aceitando uma quantia inferior a que tinha pedido, R\$ 1000,00 em duas parcelas, o que aponta urgências que nas relações de poder são acionadas, principalmente na desigualdade da espera por um termo melhor.

No próximo capítulo irei analisar como esse repertório de relações de poder se fizeram envolvendo trabalhadores que tiveram prejuízos na saúde a partir do trabalho na Krindges, avaliando posicionamentos distintos e desiguais, o que compartilham e como outros trabalhadores avaliam o adoecimento e as condições de trabalho na fábrica e lidam com a possibilidade dos processos trabalhistas.

## CAPÍTULO II

### **Trabalhadores, entre a saúde e o trabalho:**

#### **relações de poder e condições de trabalho na indústria de vestuário**

Para realização dessa proposta de pesquisa, busquei investigar as relações de trabalho e modos de viver dos trabalhadores da Indústria de Confecção Krindges em Ampére-PR. Ao fazer isso, procurei problematizar questões vinculadas à saúde do trabalhador e às relações de trabalho firmadas na/com a empresa de maior expressividade no município, que compõe mercado de trabalho significativo em Ampére.

O interesse foi pensar como esses sujeitos estão lidando com as alterações recentes na cidade e no mercado de trabalho, transformando assim suas relações e expectativas, conforme dimensionam possibilidades de melhorias e mudanças no seu modo de viver e trabalhar, lidando com a expansão da indústria de vestuário na cidade.

Berenice, atualmente ex-funcionária da Krindges, apresenta a questão da produção de metas na sua rotina de trabalho como sendo uma dinâmica em que se faz a competição e divisão entre os trabalhadores da produção. Ela destaca como conviviam com a pressão para alterar o ritmo de trabalho, equivalendo o quanto produziam pelo quanto iriam receber ao final do mês: “Lá a gente trabalha com número X de peças que você tem que fazer por dia e se você não fizer esse número, você não ganha o prêmio, que é um acréscimo de 100% no seu salário e também diminui seu salário, eles acabam tirando”<sup>88</sup>.

Berenice tem 19 anos e mora com seus pais, antes de começar a trabalhar na Krindges trabalhava como babá, mas queria um trabalho que pudesse ter carteira assinada, como seu pai, que já trabalhava na Krindges. Berenice, conseguiu a indicação e começou a trabalhar na mesma empresa, aparentemente buscando estabilidade - décimo terceiro, férias, seguro desemprego, contagem de tempo para aposentadoria.

Entretanto, após estar na rotina desse trabalho, ela aponta que o salário da empresa é muito baixo e quase não dá para se manter. Quando questionei sobre seus

---

<sup>88</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista concedida a Maríndia Borges Paini. Ampére, 03 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. No momento da entrevista era funcionária da Krindges em Ampére.

sonhos, ela me respondeu: “Eu quero fazer faculdade, ser alguém na vida, ter um emprego melhor, ter um salário melhor”<sup>89</sup>.

Poucos meses depois de nossa conversa, Berenice saiu da empresa e foi em busca de um lugar que lhe oferecesse outras possibilidades, que aliassem mudanças nas condições de trabalho e um salário melhor. Mas a entrevistada encontrou algumas dificuldades com esse novo trabalho, apesar do salário ser melhor que o da Krindges, não tem carteira assinada, e teve que optar por trabalhar ou estudar, as duas coisas juntas não se conciliavam, por não ter horário definido para sair da loja. Então, Berenice decidiu, naquele momento, trabalhar e desistir da faculdade.

Os mais jovens continuam se inserindo nas relações de trabalho muito cedo, mas, ao mesmo tempo, eles não incorporam nas pressões uma noção de que tem compromisso com a empresa, ou patrão, mas sim com eles próprios. Por isso, sair, alterar planos, ainda vivendo na casa dos pais e com gastos apenas com sua manutenção (roupas, transportes e passeios, por exemplo) permite, que muitos jovens trabalhadores, como Berenice, refaçam decisões de trabalho com maior frequência e maior rapidez.

Enquanto isso há outros trabalhadores, como Carlos, que não só pela idade, mas por avaliar um conjunto de elementos que acredita não lhes favorecer na avaliação de sua trajetória e dos valores que quer dar visibilidade, acabam por não considerar a possibilidade de colocar-se constantemente à procura de trabalho.

Carlos faz essa avaliação indicando que a falta de estudos e considerar ter conquistado um reconhecimento na empresa após todos esses anos, dificultam a sua saída, mas nada que não seja possível acontecer a qualquer momento. Pois, devido à instabilidade do mercado, a empresa pode decidir por ele a sua demissão, por isso procura estar "prevenido" para qualquer problema.

Com seus 46 anos e 10 deles trabalhando na empresa, o entrevistado aponta que está muito satisfeito com seu trabalho, que sempre teve a assistência que precisava. Quando questionado a respeito do salário, ele afirma que “o salário não é bom, mas que nunca o salário vai ser bom”, concluindo que se algo alterar é por seu empenho, por saber que precisa ganhar mais e crescer, ao mesmo tempo implica mais pressões e não

---

<sup>89</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampère, 03 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. No momento da entrevista era da Krindges em Ampère.

uma mera associação entre trabalho e bom salário, "o objetivo é sempre crescer no emprego e ganhar mais"<sup>90</sup>.

O entrevistado ainda que reconheça os limites das relações de trabalho, sugere que a exploração é inerente a essa relação. Ao longo da conversa, questionei se ele pretendia ficar muito tempo na empresa, ele respondeu:

Com 46 anos, eu acho que para mim hoje, não posso procurar outra empresa, não tenho muito estudo, então para mim tenho que ficar nessa empresa, o dia que eles me mandar embora, ai vou ter que procurar outro serviço.<sup>91</sup>

Durante a nossa conversa seu interesse foi demonstrar um caminho de escolhas arriscadas, mas que deu certo, indicando que estar lá após tanto tempo é, sinal de um bom trabalho desempenhado todos esses anos e poucas expectativas de melhora ou de conquistas saindo de lá, remetendo-se à idade e pouca escolarização. A indicação de “não posso procurar outra empresa” sugere como Carlos se vê nas relações sociais e, ainda, a partir de que condição de classe situa sua correlação de forças em proposições de mudança.

A tematização do salário e da satisfação dos funcionários aparece com outras tonalidades quando interpretada pelos dirigentes da Krindges. Em 2003, destacando a questão do salário da empresa, que é um dos principais questionamentos dos funcionários, Renato Krindges, em entrevista publicada no Informativo da Associação dos Funcionários, indica que:

Muitas vezes gostaríamos de pagar o dobro do salário que nossos colaboradores ganham ou sonham ganhar, mas não é possível. Existe a concorrência, se você pagar um salário acima da concorrência, o teu produto encarece e não tem mercado, sem mercado ocorre o fechamento da empresa.<sup>92</sup>

Nessa fala, percebo alguns dos argumentos que os donos da empresa utilizam para propor um entendimento que lhes favoreça nessas relações de trabalho. Para tal, procura enfatizar aos trabalhadores sua condição de “colaboradores”, ou seja, sua parcela de responsabilidade e contribuição para que os negócios da empresa

---

<sup>90</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampère, 29 de setembro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. Primeira Entrevista.

<sup>91</sup> CARLOS (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampère, 29 de setembro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. Primeira Entrevista.

<sup>92</sup> ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. Fala Seu Renato. **Krinformações**, Ampère, Ano I, Edição 8, Dezembro de 2003, p. 02. Informativo Mensal.

mantenham-se em alta, sugerindo que esse comprometimento é o que mantém a empresa funcionando perante a “concorrência”, isto é, a necessidade de não deixar o produto fora do preço de mercado.

Evidentemente, que essa construção tem a intenção de produzir outra visibilidade ao que é tenso e imposto na dinâmica de trabalho na Krindges, retirando da explicação do administrador o crescimento expressivo da empresa no mercado de vestuário masculino.

O informativo, como material da Associação dos funcionários, que tem início no ano de 2003, apresenta-se como uma publicação mensal que recoloca a agenda dos trabalhadores, dando ênfase aos interesses do grupo patronal, envolvendo salário, acidentes, ritmo de trabalho etc. Ao expressar na citação destacada a compreensão que justifica os valores salariais vigentes, recoloca o debate dos trabalhadores indicando certos níveis de “colaboração” a serem firmados, construindo um universo totalmente favorável a atuação patronal.

A matéria destaca que independe da vontade dos empresários, “Muitas vezes gostaríamos de pagar o dobro do salário”, pois há uma pressão alheia às relações de trabalho na rotina da fábrica, isto é, a “concorrência” de mercado. O Krinformações compondo esse encaminhamento há nove anos, também traz mensalmente, em cada uma de suas edições fotos de funcionários da empresa que se destacaram pelo seu trabalho, traduzindo essa visibilidade como “competência e dedicação”.

No ano de 2004 a referência produzida apresenta-se na imagem I a seguir, em que elege-se determinado grupo de trabalhadores como "destaques" dentro do propósito empresarial:

Imagem II - Funcionários Krindges



Fonte: ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. Gente que é Krindges. **Op. cit.**, p. 04

De acordo com essa imagem é possível perceber que a empresa não só pressiona para aumentar a produção, mas propõe dialogar com as expectativas dos trabalhadores ao dar destaque para aqueles que produzirem mais, propondo que a exploração expressa nesse aumento de produção e ritmo de trabalho seja, de certo modo, amortizada pelo possível reconhecimento de habilidade e dedicação do trabalhador.

Ao manter esse modelo de incentivo, adjetivado de cobrança e pressão, em 2008, Gilberto, trabalhador do corte, aponta que corta 3.000 peças por dia em média e continua:

Sempre atingi minha meta em 100%, porque me dedico à função. Diz, estou contente com meu serviço e com a empresa, e acho que eles

também estão contentes com o meu trabalho, trabalho aqui porque é bom.<sup>93</sup>

Porém, essa relação é extremamente frágil e depende da continuidade dessa produtividade, não sendo o seu histórico de dedicação o determinante para permanecer ou ter melhorias de salário e na função, mas sim o que está em questão é que mantenha essa prática. Gilberto é funcionário da empresa há 14 anos, sempre na função de cortador manual. O que indica que acompanhou as possíveis mudanças ao longo desse período no processo de corte, devido às novas máquinas e redução de funcionários que a expansão tecnológica tem permitido no setor. Sua principal conquista ao manter sua meta de se dedicar 100% é ter conseguido permanecer, mesmo diante das mudanças.

Gilberto tem 37 anos de idade, guarda o sonho de conseguir montar uma "fábrica de confecção" com sua esposa, que também é costureira e trabalhou na Krindges por seis anos. Mas ele aponta que "se não conseguir realizar esse sonho, quero me aposentar trabalhando na Krindges"<sup>94</sup>.

Gilberto analisa um mercado que já existe em Ampère, ou seja, empresas menores que fornecem sua produção às empresas maiores do setor, como à própria Krindges. Porém, reconhece que não basta saber analisar os investimentos que "tem saída", pois para um trabalhador essas condições não se fazem sem riscos, endividamentos e intensificação do trabalho.

Mas essa intensificação de trabalho, esse ritmo acelerado, não traz só premiações e sonhos de alteração da condição de trabalhador, mas também problemas de saúde. Os problemas de saúde vividos pelos trabalhadores, em decorrência dessas metas de produção e condições de trabalho, apontam os limites para se vivenciar uma constante ampliação dos resultados e manter-se nos quadros de "funcionário do mês".

Margarida Barreto em seu texto, *A indústria do Vestuário e a Saúde dos Trabalhadores e Trabalhadoras*, apresenta o modelo de flexibilidade que passou a fazer parte do ambiente fabril a partir da década de 1980. Para a autora, esse modelo chega impondo novo ritmo de trabalho, buscando aumentar a produtividade e qualidade do produto, intensificando a tensão laboral, gerando incertezas e promovendo o aparecimento de novas doenças, principalmente na esfera mental, essa flexibilidade para Barreto abrange pensá-lo sem família, sem amigos, ignorando seus direitos, seus

---

<sup>93</sup> ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. Entrevista realizada para o informativo dos funcionários da Krindges com Gilberto Silva (pseudônimo) **Krinformações**, Ampère, Ano VI, Edição 32, 21 de Outubro de 2008. P. 07 Informativo Mensal.

<sup>94</sup> Ibidem.

desejos, suas vontades, pensando somente na produtividade o trabalho deve ser o ‘tudo’ que podem dar de suas vidas para a empresa. E sua vida pertence à empresa.<sup>95</sup>

O debate da autora se insere em um debate que se incomoda com as relações contemporâneas do mundo do trabalho e procurou na avaliação do modelo flexível a explicação para essas relações. Esse trabalho ajudou a pensar a questão das doenças relacionadas ao trabalho, mas propõe um caminho um quanto distinto do meu quando procuro perceber como esses trabalhadores atuam nessas relações e não simplesmente sofrem os resultados desse processo estrutural. Interessa pensar essas questões a partir da inserção dos trabalhadores nessas relações de trabalho e a interpretação que produzem desse processo.

A autora ainda menciona, que quando adoecidos ou acidentados, os trabalhadores devem continuar produzindo submetidos à empresa em seus postos de trabalho, com dificuldade para comunicar-se com o outro, fazem jornadas prolongadas em ambientes onde predominam múltiplos e variados fatores de riscos.

O ambiente de trabalho pouco adequado aparece como sendo um dos fatores que prejudica a saúde dos trabalhadores, pois é um espaço pouco ventilado e, como destaca a trabalhadora Berenice, essa condição associada à rapidez das ações e calor excessivo não permitiam uma melhor avaliação do que se vivenciava nos espaços de trabalho:

Porque assim, o ambiente é muito fechado, você fica demais em uma mesma posição, te atrapalha muito, se você pudesse se movimentar mais. E o espaço também que você trabalha é pequeno, porque é tudo muito junto, muito perto, aí isso é bem complicado, abafado, bem abafado e tipo, não tem ventiladores, assim... porque o serviço... ele tem tecidos e se tiver ventilador pode voar tudo, daí não tem como.<sup>96</sup>

De acordo com a fala da entrevistada, associada à imagem a seguir, Imagem II, é possível avaliar como o ambiente de trabalho é pouco arejado, sendo bastante prejudicial à saúde desses trabalhadores, principalmente as trabalhadoras que se encontra majoritariamente no setor de costura. Elas passam a maior parte do dia na fábrica, tendo que lidar com o espaço de sua máquina como seu espaço de trabalho.

---

<sup>95</sup> BARRETO, Margarida. **A Indústria do vestuário e a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras**. São Paulo: Kingraf. 2000.

<sup>96</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista concedida a Maríndia Borges Paini. Ampére, 03 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. No momento da entrevista era funcionária da Krindges em Ampére.

Além de “abafado”, há o aproveitamento do espaço para colocar mais máquinas, tudo isso contribui para aumentar o calor e o desconforto com o barulho e vai e vem de trabalhadores, perante o ritmo acelerado de produção.

Imagem III – Trabalhadores da Indústria Krindges



Fonte: <http://www.krindges.com.br> Acesso em: 20 de março de 2012.

Contraditoriamente, a imagem produzida pela empresa em seu site não condiz com a explicação que ela mesma apresenta ao mencionar sua “estrutura fabril”, onde destaca que é “Uma área de produção estruturada, proporcionando espaço físico adequado, possibilitando o bem estar dos funcionários no desenvolvimento dos produtos”<sup>97</sup>. O espaço de trabalho demarcado com faixas amarelas, para localização de máquinas e trabalhadores, evidencia parte das condições de trabalho na empresa, potencializando o debate sobre a exploração e condições de trabalho.

A narrativa oficial que propõe determinar como observar a visibilidade exposta na Imagem II disputa com a experiência dos trabalhadores a construção de explicações sobre como se dá o processo de trabalho na fábrica, sugerindo que a problematização desse ambiente de trabalho é desnecessária, ainda que em imagens como essa haja elementos para minimizar a eficiência e condições de trabalho garantidas,

<sup>97</sup> Texto presente na descrição do item “Estrutura Fabril”, no site da empresa. Disponível em: [www.krindges.com.br](http://www.krindges.com.br), Acesso em: março de 2012.

principalmente se forem observadas em associação com o item “Programas de Incentivos”, desenvolvidos pela empresa e destacados no site<sup>98</sup>.

Esses programas sugerem uma preocupação com o trabalhador, porém a sua efetivação garante, principalmente, o interesse em firmar parcerias para dialogar com as pressões que emperram a produção e os lucros da empresa, como os afastamentos e faltas de trabalhadores devido a dores e problemas de articulações, musculatura e audição. Além de acidentes na linha de produção e os processos trabalhistas firmados contra a empresa.

As ações patronais, envolvendo questões de segurança e condições de trabalho, mais do que atender às exigências e necessidades dos trabalhadores lida com a inconstância do seu controle no processo de produção e atuação dos trabalhadores. Ao manter um médico do trabalho na empresa essa prática atende às exigências normativas, como também ao seu interesse de controlar os trabalhadores sobre reconhecer ou não seus problemas de saúde, antecipando, em alguns casos, demissões para que se desobrigue de ações legais de amparo à saúde do trabalhador.

O número significativo de afastamentos de trabalhadores, processos trabalhistas e dificuldades em manter a empresa alheia aos questionamentos pelas condições em que se dão as relações de trabalho fazem com que essa questão seja constantemente debatida com diferentes visões sobre as motivações e encaminhamentos desses conflitos das relações de trabalho.

Essa tensão é anunciada nos informativos da Associação de Funcionários, site da empresa, pronunciamentos dos empresários da Krindges, como uma questão já encaminhada e sobre controle em Ampére. Contudo, a narrativa dos trabalhadores traz essa questão como algo não resolvido, principalmente como uma questão a ser

---

<sup>98</sup> Programas de Incentivos que estão no site da empresa no item empresa/recursos humanos/programas de incentivo. Disponível em [www.krindges.com.br](http://www.krindges.com.br), acesso em Abril de 2012. "ERGONOMIA, em parceria com o SESI, CIPA, profissionais do ambulatório médico, e técnica em segurança, visa identificar através da análise ergonômica a causa das queixas das dores corporais e com isso aumentar a satisfação do trabalhador e redução de atestados médicos. CIPA comissão formada por funcionários da empresa são realizadas reuniões mensais, onde se discutem dificuldades encontradas no setor para a realização do trabalho para os funcionários. SIPAT (Semana internacional de prevenção de acidentes no trabalho) Esse projeto é desenvolvido pela CIPA juntamente com o departamento de recursos humanos, onde através de palestras, teatros, apresentações diversas, depoimentos, vídeos que visam "conscientizar" da importância da prevenção e como evitar as doenças ocupacionais. PPRA (Programa de prevenção de riscos ambientais) tem como objetivo levantar qualitativa e quantitativamente os riscos existentes no ambiente de trabalho, riscos ambientais aos agentes físicos, químicos e biológicos. PPPA (Programa de prevenção de perdas auditivas) Considerando que o ruído ocupacional interfere no comportamento e saúde dos trabalhadores e que a perda auditiva por níveis de pressão sonora elevados é uma perda permanente e irreversível, constata-se a necessidade de desenvolver medidas preventivas que visam a conservação da audição dos trabalhadores."(adaptado)

conquistada e enfrentada rotineiramente, ou mesmo, que após a saída da indústria; faz-se presente com processos trabalhistas, tratamentos de saúde e desemprego.

Maria foi uma das trabalhadoras que judicialmente tentou reaver direitos sobre sua condição de trabalhadora, pois alega que adoeceu exercendo a função de costureira na Krindges. Trabalhou na empresa três anos e seis meses, tendo sua saúde debilitada pela atividade intensa e contínua na máquina de costura, sendo afastada do trabalho porque sentia fortes dores e, posteriormente, saindo da fábrica.

Ela começou com dores em seu ombro esquerdo, indicando que tinha a sensação que o braço ficava “travado”, ou seja, reconhecia que havia um problema e, mais que isso, a razão por ele existir. A narrativa do advogado em defesa da trabalhadora, durante o processo, menciona que por diversas vezes Maria procurou a enfermaria da empresa e era medicada com analgésicos e retornava ao trabalho. Em 05 de dezembro de 2007 foi aposentada por invalidez.<sup>99</sup>

O advogado de Maria, imbuído de que sua argumentação precisava convencer sobre os prejuízos de sua cliente com esse trabalho, aponta que a trabalhadora adoeceu por conta de um acidente de trabalho ocasionado pela atividade intensa e contínua na máquina de costura, onde trabalhava em posições ergonomicamente incorretas e ainda defende que:

A empresa deve indenizar à trabalhadora, pois contribuiu decisivamente na sua doença, por que jamais tomou medidas preventivas para que tal evento não viesse a acontecer. E pior, continuou a contribuir para o agravamento, pois manteve a trabalhadora em postos de trabalho que lhe prejudicaram.<sup>100</sup>

Enquanto isso, o advogado da empresa alega que a máquina onde Maria costurava, desde o início do contrato, era automática, portanto afirma que os esforços realizados pela trabalhadora não eram significativos e ainda acrescenta que eventuais movimentos repetitivos realizados por Maria eram compensados por meio do programa “SESI Ginástica na Empresa”.

Logo, expõe que é completamente impossível que a trabalhadora exercesse um trabalho tão exaustivo, e que tenha adquirido a doença no exercício da sua atividade laboral e apresenta a possibilidade de Maria ser portadora de doença degenerativa ou pré-existente.

---

<sup>99</sup> PARANÁ. Vara do Trabalho de Francisco Beltrão. Envolvidos “Krindges Industrial Ltda. e a trabalhadora Maria Pereira (Pseudônimo) Juíza: Ilse Marcelina Bernardi Lora. Francisco Beltrão. **Processo Trabalhista** [Ampére], nº 00368-2009. Abril de 2009. Documentação arquivada na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão-PR. Consulta realizada pela autora em 15 de julho de 2011.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 2.

Através dessa fala percebo que o advogado da empresa tenta de todas as formas achar indícios para livrar a empresa da acusação da trabalhadora, procurando meios para dizer que o trabalho que Maria exercia não exigia esforço além do normal, sendo impossível ela adoecer por causa do trabalho e, ainda, defendendo que a causa da doença era de outra natureza, ou mesmo adquirida em outra atividade sem qualquer ligação com a empresa.

Para garantir tal propósito o advogado ainda questiona, o porquê Maria demorou tanto tempo para abrir o processo, pois ele afirma que a suposta doença foi detectada em 04/04/2002, quando foi afastada do trabalho. Porém, só sete anos depois (2009) ela vem reclamar e pedir para a empresa pagar o tratamento médico.

Com essa indicação, o advogado coloca sobre suspeita a índole da trabalhadora, desconsiderando a sua causa ou os motivos que teve para não abrir de imediato o processo. Ao fazer isso, ele sugere inverter a proposição do processo; fazendo com que a ação da trabalhadora ganhe força de investigação e as práticas da empresa nas relações de trabalho sejam deixadas em segundo plano.

O laudo da médica perita, presente no processo, foi feito para compor os autos em que Maria indicava seus problemas de saúde e impedimento para o trabalho como resultado de sua atuação na Krindges como costureira. Este material indica que durante a inspeção pericial na indústria, realizada em 28 de setembro de 2009, foi possível perceber que o processo de produção é intenso, “costurava uma peça a cada 30 segundos, ou seja, 120 peças por hora”.

Além disso, a perita apresenta que: "de acordo com a avaliação Ergonômica do Posto de Trabalho pode-se afirmar que existe o fator desencadeante para patologias osteomusculares relacionadas ao trabalho na atividade desenvolvida pela trabalhadora" e acrescenta:

Esta tarefa era realizada em posição sentada durante toda a jornada de trabalho, em cadeira de palha, com almofada acoplada ao assento, ou seja, sem estofamento, sem encosto lombar adequado, sem ajuste de altura, sem bordas arredondadas ajustadas as pernas, não giratória, enfim ergonomicamente inadequada<sup>101</sup>.

De acordo com os trechos mencionados, que compõem o laudo da perita, que se encontra anexo ao auto processual, ela procura destacar os critérios ergonômicos analisados, mostrando a condição provisória desses utensílios fundamentais na atividade

---

<sup>101</sup> Ibidem, p. 04.

de costureiras como Maria, sugerindo que o trabalho é realizado em condição “ergonomicamente inadequada”.

Esse olhar para empresa que pretende ser “objetivo”, ainda que aponte irregularidades no funcionamento do setor de costura não provocou resultados satisfatórios para Maria. Apesar de o laudo médico ter concluído que Maria esta “parcial e definitivamente incapacitada para atividades laborativas que exijam esforços com os membros superiores”.

No dia 20 de novembro de 2009 foi realizada a audiência de leitura e publicação da sentença, em que julgaram improcedentes os pedidos realizados pela trabalhadora, sendo a sentença a favor da empresa Krindges Industrial LTDA. Ao analisar esse processo, noto a desigualdade presente nessa disputa e que, independente da exposição que a empresa ganhe, seus prejuízos são irrisórios diante das restrições que Maria terá por toda a vida; não só fisicamente, mas como valor, por incapacidade de realizar atividades e adquirir dinheiro para remédios, como também pela condição em que sai do processo, como se a empresa lhe tivesse feito concessão em lhe pagar algo, ainda que não tivesse direito.

Mesmo indicando que esse ritmo e nessas condições de trabalho as lesões são possíveis e justificadas, o laudo não garantiu a relação da doença de Maria com a realidade de trabalho na empresa. Isso, sem sombra de dúvidas, implica em avaliar como as relações de poder existentes na sociedade capitalista vêm se efetivando. A questão dos trabalhadores é, muitas vezes, deixada de lado ou colocada como aproveitadora.

Ao ser avaliado pericialmente que as condições de trabalho na empresa prejudicam a saúde dos trabalhadores, ainda assim o resultado do processo e do próprio laudo não leva em consideração tais elementos para garantir ganho de causa à Maria, sendo questionada a sua idoneidade na constituição da queixa após tantos anos.

A causa de Maria foi julgada improcedente pois apontam que a doença que ela adquiriu tem “ausência do nexo de causalidade com o Trabalho desempenhado”, por isso que a indenização material que ela pediu foi julgada incabível.<sup>102</sup>

Varussa, ao discutir as disputas dos trabalhadores na esfera judicial, menciona que existem duas formas opostas entre si que marcam a constituição da justiça do trabalho no Brasil: “uma de conotação negativa, notadamente para os trabalhadores, que

---

<sup>102</sup> Ibidem p. 387.

é a morosidade na resolução dos casos, e uma positiva, principalmente para os patrões, que é a conciliação entre as partes”<sup>103</sup>.

O autor ainda destaca que,

A característica preponderante desta conciliação vem sendo a perda, por parte dos trabalhadores, de uma parcela significativa da demanda inicial em termos monetários, supostamente motivada pelo recebimento imediato, já que o desencadeamento do processo, além do risco de indeferimento da causa, representa uma longa espera, que, não raro, chega a mais de uma década.<sup>104</sup>

Através dessa citação é possível avaliar que os processos são momentos de confrontação indiretos, mas que se alimentam das causas dos trabalhadores, que esses reconhecem e que os advogados consideram potencialmente possíveis de serem rentáveis a ambos. Nesse sentido, é preciso falar algo sobre o que utiliza, mesmo que indiretamente para compor um enredo atual, onde hoje as pessoas sabem que podem fazer uso dos processos, indicados como ensinamento pelos meios de comunicação, por conhecidos e parentes, que experimentam esse modo de contestação, mas que, assim como eles, também sabem dos limites desse empenho.

Então se por um lado houve expansão do número de processos, por outro as pressões para que eles não sejam valorados como um caminho de reaver danos e exploração também se ampliaram. Como foi o caso de Maria, que mesmo o laudo apontando que a doença que possuía era compatível com o desgaste causado pela realização do trabalho nas condições oferecidas pela indústria, sendo também constatado que ela estava impossibilitada de exercer funções que exigissem qualquer esforço, até mesmo para pequenas tarefas doméstica, ainda assim a justiça deu ganho de causa para a empresa, tendo a trabalhadora que arcar com despesas médicas e do processo trabalhista em questão.

No trato dos processos trabalhistas, posso analisar as relações desiguais que há entre o trabalhador e a empresa e, também, no convívio entre trabalhadores. Além de observar como se configura a produção dos advogados sobre a realidade experimentada pelos trabalhadores, onde se destaca os diferentes sentidos atribuídos à exploração do trabalhador e os limites da reivindicação de direitos.

---

<sup>103</sup> VARUSSA, Rinaldo J. Disputas na justiça do trabalho: memórias e histórias a partir do Oeste do Paraná (década de 1980 a 2000). *Diálogos*, Maringá, v. 13, n. 2, p.442, 2009.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 443.

É possível, nesse conjunto, ficar com a seguinte questão, que relações de poder se fazem presentes e definidoras das decisões dos confrontos trabalhistas? Esse parece um dos pontos importantes para configurar a presença desses trabalhadores nessas relações de trabalho e no enfrentamento da exploração capitalista que ultrapassa as possíveis separações entre campo e cidade.

Amélia, uma das entrevistadas, acabou adoecendo frente ao ritmo acelerado de trabalho que experimentou na Krindges, trabalhando como costureira. Ela adquiriu problemas de saúde no trabalho - coluna e atrofia muscular, sendo demitida com a justificativa de redução de funcionários, o que em nossa conversa ela coloca sob suspeita, pois reconhece que sabiam da sua condição, principalmente diante dos afastamentos e dos constantes atendimentos que teve com o médico do trabalho, que se faz presente na fábrica. Sua saída, compondo o cenário atual de aumento de maquinário e terceirização, concomitante à diminuição de trabalhadores na fábrica, foi o caminho mais vantajoso que encontraram para não se comprometerem com o agravamento de sua enfermidade e a demitirem com essa alegação.

Amélia, durante nossa primeira conversa destacou questões que se aproximam das vivenciadas por Maria, porém não entrou com processo trabalhista contra a empresa, mas isso não impediu que compreendesse em que termos se fez sua demissão e o lidar com sua doença no trabalho. A consciência da condição de classe não se expressa apenas nessa ação última, mas no sentimento que gera sobre as perdas e relações que experimenta nas relações classistas.

Sabe muito bem que não trabalhou em condições que garantissem preservar sua saúde, ou mesmo que a decisão sobre a manutenção do seu posto de trabalho ao não conseguir evitar as faltas - em razão das dores e dificuldades em manter o nível de produção - não se resumiam a corte de funcionários:

Por causa de ficar na mesma posição, prejudicou a coluna, a perna... E eles me deram a conta e não foram ver, não me encaminharam para um especialista, praticamente não falaram da minha doença, me deram a conta dizendo que não precisavam mais de funcionários, que queriam diminuir o quadro de funcionários.<sup>105</sup>

Com a fala de Amélia, percebo que mesmo a empresa tendo médico próprio, essa relação não é favorável para os trabalhadores, muito pelo contrário, estão ali para

---

<sup>105</sup> AMÉLIA (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampère, 01 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. Amélia é ex-funcionária da Krindges em Ampère Primeira Entrevista.

representar os interesses patronais e para esta é mais fácil “dar a conta” do que fornecer tratamento para os trabalhadores que adoecem, ou mesmo alterar a rotina de trabalho exigida.

Quando perguntei por que ela não saiu da fábrica ao perceber que estava ficando doente, ela me respondeu que:

Eu pensei que ia passar, ia melhorar, porque eu achava que ali era melhor que trabalhar na agricultura, era menos esforço físico eu achei que com uma ajuda, com um médico de algum ortopedista eu ia melhorar e ia continuar trabalhando.<sup>106</sup>

As duas colocações de Amélia apontam como lidar com a dor no trabalho pode ser comum aos trabalhadores, principalmente quando se avalia outras relações e condição de classe experimentada ao longo de sua trajetória. Além disso, ao se imaginar desempregada aos 42 anos, sem muitas perspectivas de postos de trabalho que não exijam um trabalho pesado considerava a permanência uma necessidade. Contudo, o que não contava era que sairia da empresa demitida e pior, sem nenhum auxílio médico para os problemas adquiridos lá.

A CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes no Trabalho) apesar de ser formada por trabalhadores, ainda assim apresenta uma posição contraditória nas relações de poder firmadas na empresa. A atuação do setor patronal tenta construir sua atuação como parceira à CIPA e interessada no bem estar dos trabalhadores. Com isso, a indústria se enaltece por abrir espaço para a CIPA atuar junto aos trabalhadores

Os Informativos da Associação dos Funcionários da Krindges, que dedicam especial espaço para a CIPA em suas publicações, desde eleições de cipeiros, atuação da CIPA na empresa, como também orientações de segurança, compõe uma redação em que a segurança é do trabalho e não do trabalhador, principalmente por prevalecer uma indicação que coloca sobre o trabalhador um desinteresse abstrato por não usar os equipamentos de segurança, assim como uma recorrente lembrança da CIPA e do Informativo sobre o que acontece se o trabalhador se recusar a usar os equipamentos de proteção individual (EPI'S).

De acordo com as divulgações promovidas pela CIPA no Informativo da Associação de Funcionários de Julho de 2004 o principal foco abordado não é discutir as condições de trabalho e a necessidade de garantir a segurança e a saúde do

---

<sup>106</sup> AMÉLIA (pseudônimo). Entrevista concedida a Marindia Borges Paini. Ampère, 15 de dezembro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. Amélia é ex-funcionária da Krindges em Ampère Segunda Entrevista.

trabalhador, mas sim a responsabilidade do trabalhador sobre a prevenção de acidentes, “O trabalhador deve ser orientado a usar EPI’s, se for intransigente deve ser advertido. Caso se recuse continuamente a usar EPI’s pode ser demitido por justa causa”<sup>107</sup>.

Nesse trecho, que compõem a matéria *A importância do uso de EPI*, percebo que a mensagem principal não é o trabalho que desgasta e exige ações rápidas e, por isso, muitas vezes a dificuldade em usar os equipamentos. No texto, o trabalhador é apresentado como “intransigente”, que se recusa a seguir regras, não tendo a empresa outra coisa a fazer, a não ser demiti-lo.

Esse posicionamento propõe retirar da empresa sua parte nessa relação de poder, indicando demissão por justa causa como decorrência do descuido individual do trabalhador, e não pelo ritmo de trabalho e modo como se realizam as atividades, os prazos estabelecidos etc. O que a CIPA propõe são tentativas de estabelecer controle e assimilar as exigências de “segurança no trabalho” de modo que elas sejam incorporadas como responsabilidade do trabalhador, indicando que a empresa oferece e promove ações para que as condições ideais de trabalho sejam garantidas.

As matérias sobre a CIPA ganham bastante destaque nos informativos, aparecem em todas as edições e, em alguns informativos, contém mais de uma matéria sobre a temática da segurança no trabalho, deixando bem claro a importância dos trabalhadores usarem esses equipamentos de segurança e os benefícios de ser cipeiro.

Também são divulgadas nos informativos várias palestras, realizadas na empresa sobre doenças e prevenção de acidentes, além de encontros, campanhas e premiações, deixando sempre a entender que se preocupam com a saúde dos trabalhadores, pois o informativo é dos trabalhadores.

A publicação da Associação dos Funcionários atende muito mais aos interesses patronais, por divulgar as benesses da empresa para os trabalhadores, retirando de sua discussão a rotina estafante, demissões, baixos salários, atestados e problemas de saúde dos trabalhadores, assim como as reivindicações e pauta de questões que possuem para as relações de trabalho.

A empresa divulga ter programa de saúde que auxilia os trabalhadores, para que tenham serviços de medicina preventiva e curativa, como aparece em destaque no site da empresa e no Informativo de 30 de abril de 2008, apresentando neste último que os

---

<sup>107</sup> ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. A importância do uso do EPI. **Op.cit.**, p. 06.

trabalhadores não precisam sair da empresa para se tratar, pois eles oferecem desde atendimentos médicos, odontológicos até programas de auxílio e convênios<sup>108</sup>.

Essa reportagem do Informativo e divulgação do programa de saúde que a empresa oferece é bastante importante, mas a pergunta que se faz é, como esse programa foi constituído, como ele se faz presente em uma empresa que apresenta grande número de funcionários com problemas de saúde em razão das condições de trabalho?

Em entrevista com Berenice essa questão não aparece tão tranquila e harmônica. Quando perguntei se a empresa possuía médico próprio e convênio, ela me respondeu:

Tem, só que é assim, o médico é da empresa e você pode estar morrendo e precisar de um atestado, você não ganha. Para você se encostar [afastar pelo INSS] também é bem complicado, porque já é o médico da empresa, então ele quer os benefícios da empresa e não os benefícios dos funcionários.<sup>109</sup>

Sua avaliação sugere divergência de interesses que pesam na avaliação e laudos médicos, sugere que os posicionamentos que poderiam trazer benefícios aos trabalhadores não são esperados quando se vinculam ao “médico da empresa”. O adjetivo dado ao médico aponta em qual parte das relações de poder ele se localiza e, principalmente, como é visto por uma trabalhadora que havia dois anos que estava trabalhando na Krindges e já havia presenciado acidentes, afastamentos e sua própria condição de necessidade médica não correspondida.

A colocação de Berenice sugere uma realidade comum aos trabalhadores que são pressionados a lidar com o ritmo de produção e as dores acumuladas nesse processo de exploração de trabalho. Mas como lidar com essa condição?

As estratégias de controle dos trabalhadores para lidar com as condições de trabalho e as proposições dos trabalhadores aparecem como tentativas de disciplina e aumento da produção sem vínculo salarial direto, indicando novas práticas produzidas para acelerar a produção e fragilizar os possíveis laços de solidariedade entre os trabalhadores, colocando-os diretamente concorrendo em busca de alcançar as metas, acarretando possíveis prejuízos à saúde diante do ritmo acelerado de trabalho.

---

<sup>108</sup> ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. Krindges tem Programa de Saúde. **Op. cit.**, p. 07.

<sup>109</sup> BERENICE (pseudônimo). Entrevista concedida a Maríndia Borges Paini. Ampére, 03 de outubro de 2010. A entrevista foi realizada em sua residência. No momento da entrevista era funcionária da Krindges em Ampére.

Evidentemente, que a aceitação dessa proposta não é de todos e nem uma ação mecânica e de dirigismo patronal, pois o caminho para a disciplina do trabalho vem sendo ambicionado pelos capitalistas desde suas experiências iniciais no setor industrial em busca da obtenção de aumentos constantes na produtividade a partir de uma maior exploração do trabalhador.

O trabalhador não tem apenas seu ritmo de trabalho acelerado, mas também sua vida como um todo se altera perante sua dinâmica de trabalho, para assim poder cumprir as metas que a empresa projeta como funcionamento ideal da linha de produção, aumentando as horas trabalhadas, o desgaste físico e o campo de possibilidades para adoecer.

O Informativo de dezembro de 2003 apresenta em uma coluna identificada como “Opinião do Leitor” como certos trabalhadores avaliam esse aceleramento do trabalho no seu modo de vida. Na edição número 8, Marcieli, auxiliar de Costura, destaca:

Eu daria nota dez para as mulheres da Krindges, porque além de trabalhar o dia inteiro na fábrica, quando chegam em casa, lavam roupa, limpam a casa, que não deu tempo de limpar de meio-dia, fazem a janta, aproveitam e fazem o almoço do dia seguinte e ainda dão atenção aos filhos e marido<sup>110</sup>.

Com essa fala percebemos como os trabalhadores vivenciam as pressões do trabalho e o quanto o tempo de trabalho lhe comprime o tempo livre para diversão, família e cuidados com a casa, alimentação etc. Assim, às 24 horas do dia acabam tornando-se pouco para que trabalhadores, como Marcieli, conciliem de modo satisfatório trabalho e outros afazeres. Mesmo que o tom de sua colocação seja de descontração, ela valoriza seu empenho por conseguir cumprir as tarefas na empresa e “em casa”.

A interpretação que formula indica que mesmo com todas as dificuldades para a manutenção de suas relações, as ações que destacou sugerem como compartilhar a condição de trabalhadora na sociedade capitalista não garante uma organização tranquila de sua vida, “porque além de trabalhar [...] lavam [...] limpam [...] fazem a janta [...] fazem o almoço [...] e ainda dão atenção [à família]”. Acredito que Marcieli interpreta sua condição de trabalhadora como desgastante, porque tem que se dedicar ao trabalho e a casa, isso passando mais tempo no trabalho e tendo pouco tempo para lazer e outras obrigações.

---

<sup>110</sup> ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. Opinião do Leitor. **Op. cit.**, p. 06.

Esse é um processo que não se encerrou, outros continuam se afastando, sendo demitidos e com dificuldades em lidar com as marcas que ficaram desse processo de exploração no trabalho. Mais do que uma experiência em Ampère e no trabalho fabril do setor do vestuário essa é uma questão a ser problematizada para as relações que vem sendo firmadas na sociedade capitalista, mas a força de determinadas pressões ainda fazem muitos entrarem para as filas de contratação dessas empresas, mesmo sabendo das condições de trabalho que possivelmente lhes aguardam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao fim desse trabalho de pesquisa, percebo que o texto não é conclusivo, mas sim uma avaliação para o debate acadêmico que continua, haja vista as questões que foram levantadas no início e ao longo da investigação, assim como as novas questões que surgiram com o confronto das fontes.

Ao longo desse trabalho, tentei abordar elementos das relações de trabalho e modos de viver dos trabalhadores da Krindges Industrial Ltda., localizada em Ampére-PR. Procurei também problematizar questões vinculadas à saúde e trabalho e as pressões que certos trabalhadores enfrentaram/enfrentam para garantir sua presença na empresa do vestuário e, ainda, como construíram esse trabalho como campo de possibilidade de mudanças e de resposta às necessidades e expectativas sobre os seus modos de viver.

O interesse do texto apresentado era problematizar esse conjunto de questões, evidenciando como as condições de trabalho nas indústrias do vestuário permitem discutir contradições dessa relação; que conjuga trabalho, exploração, doenças e expectativas de mudança na condição de classe dos trabalhadores.

Tentei também durante o texto desconstruir a ideia que é divulgada pela mídia e Administração Municipal sobre a positividade da industrialização e a ligação simplista de noções de desenvolvimento e progresso da cidade com a expansão das indústrias. No entanto, esse trabalho deixou algumas questões não resolvidas e outras a serem ampliadas futuramente como, por exemplo, intensificar as pesquisas em jornais de Francisco Beltrão, ampliar as discussões sobre os processos trabalhistas e problemas de saúde dos trabalhadores, assim como aprofundar a compreensão da dinâmica dos modos de viver desses sujeitos em Ampére.

Não conhecia a organização dos Processos Trabalhistas, não sabia o que eles poderiam trazer de benefícios para meu trabalho, foi uma experiência importante como pesquisadora e que precisa ser aprofundada, talvez conversando com esses trabalhadores que abriram processos contra a empresa ou pretendem fazê-lo, avaliando como eles interpretam a saída, as lesões adquiridas e a possibilidade de enfrentar judicialmente a empresa como um desafio para a composição dessa reflexão.

Esse trabalho contribuiu muito para o meu aperfeiçoamento pessoal e profissional, e espero que sirva para fazer com que as pessoas, tomem partido da luta dos trabalhadores, contra a exploração do trabalho e para que os trabalhadores percebam o quanto é importante continuarem lutando para garantir o que decidem valorar como seus direitos.

Acredito que a experiência de construção desse trabalho foi muito válida para o contato com os trabalhadores. O que me proporcionou uma lição sobre a exploração capitalista. As dificuldades que encontrei nesse percurso e os erros cometidos, com certeza serviram, e muito, para meu crescimento e construção de novas questões a investigar.

Quero lembrar aqui, que esse trabalho ganhou forma através de um diálogo entre orientadora e orientanda. Através da análise de fontes, das discussões e possibilidades de interpretação e reconhecendo os limites para que esse trabalho pudesse ser produzido, já que dividi meu tempo e preocupações com o trabalho e uma realidade angustiante ao vivenciar o trabalho docente e me ver envolvida com a realidade de trabalho e condições de vida que meus alunos-trabalhadores, do distrito de Palotina-PR, experimentam.

Como professora, posso compartilhar com meus alunos as experiências vividas na formulação desse trabalho e despertar neles a curiosidade e o incômodo com a questão, pois a proximidade dessa discussão com a realidade que possuem faz com que a história se apresente como um campo de avaliar, interpretar e atuar socialmente.

## **FONTES**

### **\*Dados Estatísticos**

APLs. **Arranjo Produtivo Local de Moda Masculina do Sudoeste do Paraná.** Curitiba: Instituto Paranaense De Desenvolvimento Econômico e Social, Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. Dezembro de 2006.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego; Ministério da Previdência e Assistência Social. **Anuário Estatístico de Acidentes do Trabalho:** AEAT 2000. Brasília: MTE/MPAS, 2002.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. CAGED. **Perfil do Município.** Disponível em: [http://perfildomunicipio.caged.gov.br/seleciona\\_uf\\_consulta.asp?uf=pr](http://perfildomunicipio.caged.gov.br/seleciona_uf_consulta.asp?uf=pr), Acesso em: abril de 2011.

IPARDES. **Perfil Municipal.** Ampére. 2010. Disponível em:

[http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85640&btOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?Municipio=85640&btOk=ok), Acesso em: abril de 2011.

IPARDES. **Caderno Estatístico do Município de Ampére**. 2011. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85640&btOk=ok>  
Acesso em: Agosto de 2011.

### **\*Entrevistas**

- Entrevista realizada pela autora com Berenice (pseudônimo), 18 anos, quando ela ainda estava trabalhando na indústria de vestuário, em 03 de Outubro de 2010 em sua residência.
- Entrevista realizada pela autora com Carlos (pseudônimo), 46 anos, funcionário da indústria de vestuário, em 29 de Outubro de 2010 em sua residência.
- Entrevista realizada pela autora com Carlos (pseudônimo), 46 anos, funcionário da indústria de Vestuário a 10 anos, em 16 de Agosto de 2011 em sua residência.
- Entrevista realizada pela autora com a dona Amélia (pseudônimo), 42 anos ex-funcionária da indústria de vestuário, em 01 de Outubro de 2010, em sua residência, primeira entrevista.
- Entrevista realizada pela autora com a dona Amélia (pseudônimo), 42 anos ex-funcionária da indústria de vestuário, em 15 de Dezembro de 2010, em sua residência, segunda entrevista.

### **\*Periódicos**

#### *- Informativos*

- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano I, Março de 2003. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano I, Edição 8, Dezembro de 2003. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano II, Edição 12, Julho de 2004. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano III, Edição 21, Outubro 2005. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano III, Edição 22, 16 de Novembro de 2005. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano III, Edição 24, 20 de Dezembro de 2005. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano IV, Edição 29, 08 de Setembro de 2006. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano IV, Edição 30, 15 de Dezembro de 2006. Informativo Mensal.
- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano VI, Edição 31, 30 de Abril de 2008. Informativo Mensal.

- ASSOCIAÇÃO dos Funcionários da Krindges. **Krinformações**, Ampére, Ano VI, Edição 32, 21 de Outubro de 2008. Informativo Mensal.

- *Jornais*

EM sessão solene em Ampére, autoridades homenageiam famílias Giese e Krindges. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão, 09 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www.jornaldebeltroa.com.br/conteudo/noticia.asp?id=29497>, Acesso em: setembro de 2010.

KRINDGES Industrial aproveita resíduos e mostra-se ecologicamente correta. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão, 06 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.jornaldebeltroa.com.br/conteudo/noticia.asp?id=40327>, Acesso em: setembro de 2010

PEGORARO, Adolfo. Ampére: um modelo de industrialização entre os pequenos municípios. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão, 29 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.jornaldebeltroa.com.br/conteudo/noticia.asp?id=52063>, Acesso em: setembro de 2010.

SUDOESTE registra bons números de empregos. **Jornal de Beltrão**, Francisco Beltrão, 18 de setembro de 2009. Disponível em: <http://www.jornaldebeltroa.com.br/conteudo/noticia.asp?id=43175>, Acesso em: setembro de 2010

VITORINO, Maria. Papéis Trocados. No interior do Paraná os homens se tornam donos de casa. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 1º de outubro de 1999, p. 14.

- *Revistas*

PREFEITURA Municipal de Ampére. **Apaixone-se por Ampére**. Francisco Beltrão: Gráfica e Editora Berzon. Novembro de 2001. Edição Especial 40 anos.

ACEAMP; PREFEITURA Municipal de Ampére. **Ampére 38 anos**. Todos os caminhos levam a Ampére. s/n. Novembro de 1999. Edição de Aniversário.

\_\_\_\_\_. **Ampére 34 anos**. Francisco Beltrão: Editora Jornal de Beltrão S/A. Dezembro de 1995. Edição Especial da III FICAMP.

\_\_\_\_\_. **Ampére 30 anos**. Francisco Beltrão: Editora Jornal da Cidade. Novembro de 1991. Edição Especial da I FICAMP.

**\*Processos Trabalhistas**

PARANÁ. Vara do Trabalho de Francisco Beltrão. Envolvidos “Krindges Industrial Ltda”. e a trabalhadora Maria Pereira (Pseudônimo) Juíza: Ilse Marcelina Bernardi Lora. Francisco Beltrão Consulta em 15 de julho de 2011. **Processo Trabalhista** [Ampére], nº 00910-2009. Junho de 2009. Essa documentação encontra-se arquivada na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão-PR.

PARANÁ. Vara do Trabalho de Francisco Beltrão. Envolvidos “Krindges Industrial Ltda”. e o trabalhador José Silva (Pseudônimo) Juíza: Ilse Marcelina Bernardi Lora. Francisco Beltrão Consulta em 15 de julho de 2011. **Processo Trabalhista** [Ampére],

nº 00368-2009. Abril de 2009. Essa documentação encontra-se arquivada na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão-PR.

PARANÁ. Vara do Trabalho de Francisco Beltrão. Envolvidos “Krindges Industrial Ltda”. e a trabalhadora Rosane Veiga (Pseudônimo) Juíza: Ilse Marcelina Bernardi Lora. Francisco Beltrão Consulta em 15 de julho de 2011. **Processo Trabalhista** [Ampére], nº 00166-2007. Março de 2007. Essa documentação encontra-se arquivada na Justiça do Trabalho de Francisco Beltrão-PR.

**\*Sites**

<http://www.afkrindges.com.br>

<http://www.krindges.com.br>

<http://www.ampere.pr.gov.br>

<http://www.radioampere.com.br/2011/noticia.php?id=4230>

<http://www.jornaldebetrão.com.br>

<http://www.aceamp.com.br/2010/aceamp.php>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – precarização do trabalho e redundância salarial. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 188-197, jul./dez. 2009.

ALVES, Giovanni; ANTUNES, Ricardo L. C. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

ANTUNES, Ricardo L. C. **Adeus ao Trabalho?** : Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7ª ed. ampl. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

BARRETO, Margarida. **A Indústria do vestuário e a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras**. São Paulo: Kingraf . 2000.

CALVO, R. C; CARDOSO H.H.P; AMEIDA, P.R. Trabalho e Movimentos Sociais: Histórias, Memórias e Produção Historiográfica. In: CARDOSO, H. H. P.; MACHADO, M. C. T. (Org.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**.Uberlândia – Minas Gerais, EDUFU – Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

CAMARGO, Francelino. **Cotidiano Das Mulheres Costureiras Das Indústrias de Confeção Do Oeste Do Paraná (1985-2003)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2004.

CAMERA, Josane. **Estudo Sobre Adaptação no Posto de Trabalho**. (Graduação em Tecnologia do Vestuário) União de Ensino do Sudoeste do Paraná (UNISEP). Dois Vizinhos, 2007.

COSTA M. Gilvana. **Relações de Trabalho na Indústria de Confeção no oeste do Paraná: um estudo de caso a partir da fábrica Fidelitá em Marechal Cândido Rondon – PR**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2011.

CUNICO, M Jaqueline. **A produção de Leite para a Frimesa Cooperativa Central e as Relações de Trabalho no Campo do Oeste do Paraná**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2011.

DANIELLI, Márcio Rodrigo. **Estudo sobre a participação das indústrias de confecção no nível de emprego e renda no município de Ampére - PR no período de 1980 a 2002**. (Graduação em Ciências Econômicas) Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão – PR, 2004.

ENGELS, F. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2008.

FENELON, Déa et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

FLORES, Edson L. **Industrialização e desenvolvimento do Sudoeste do Paraná**. 2009 Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, PR, 2009.

FONTANA, Josep. **A História dos Homens**. Bauru – SP: EDUSC, 2004.

GARCIA JUNIOR, Antonio C. **Condições de Trabalho e Saúde dos trabalhadores da Indústria do Vestuário em Colatina ES**. 2006. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

GODOY, João Miguel T. A fábrica e o Mundo fabril nos Estudos Acadêmicos brasileiros. **História: Questões & Debates**, Curitiba, nº. 52, p. 175-203, Jan/Jun. 2010.

GOIS, José. F. et. al. “Um Novo Modelo para a Organização e Administração da Propriedade Familiar: O Caso de Vargem Bonita – Ampére – PR”. **Anais... XII Encontro de Geógrafos de América Latina**. Montevideo/Uruguai: Universidad de La República, 3 a 7 de abril de 2009.

KHOURY, Y. A. Do Mundo do Trabalho ao Mundo dos Trabalhadores: história e historiografia. In: VARUSSA, R. J. (Org.) **Mundo dos Trabalhadores, Lutas e Projetos**: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea. Cascavel: EDUNIOESTE, 2009.

\_\_\_\_\_. Narrativas orais na investigação da História Social. **Projeto História**. São Paulo, v.22, p. 79-103, jun. 2001.

LACAZ, Francisco A. C. Saúde dos trabalhadores: cenário e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 13 (Suplemento 2).

MACIEL, L. A Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa. In FENELON, D. R. et al. (org.) **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d' Água, 2004.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política – O Processo de produção do capital. Vol. 1, t I. São Paulo: Abril Cultural 1983.

MIGLIORINI, Sonia M. S. A implantação e a consolidação da indústria de confecção na mesoregion sudoeste do Paraná. **Ra'eGa**, Curitiba, n.14, p. 165-182, 2007.

MONDARDO, Marcos L. Uma caracterização geral do processo de urbanização do sudoeste do Paraná – Brasil. **Scripta Nova**, Barcelona, v. XI, n. 239, P 229-255, 15 maio de 2007.

MOTTA, Neli. G. **“Um Município Chamado Progresso”**: Discursos Acerca da Cidade de Ampére (1986-2010) Monografia (graduação em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon – PR, 2011

PAINI, Marindia B. **Costurando vidas: das condições de trabalho na Krindges ao modo de viver dos trabalhadores na cidade (Ampére – PR, 1977-2010)**. Projeto de Iniciação Científica Voluntária sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares de Freitas. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon. Trabalho vinculado ao Grupo de Pesquisa História Social do Trabalho e da Cidade e Laboratório de Pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais.

PERNAMBUCO. Andrei. P. **Saúde e trabalho: o caso dos trabalhadores da indústria do vestuário de Formiga – MG**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da FUNEDI/UEMG para a obtenção do título de Mestre em Educação Cultura e Organizações Sociais.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 01, n. 02, P 53-72 1996.

\_\_\_\_\_. O Que Faz a História Oral Diferente. **Projeto História**, São Paulo, n.14, P 25-39, 1997.

\_\_\_\_\_. Memória e Diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Fernandes, Tania M. Dias e Alberti, Verena (org.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz/FGV, 2000, P 67-71.

REITZ Valdenor . **Estudo de Tempos e Movimentos Na Indústria de Camisaria**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia do Vestuário), União de Ensino do Sudoeste do Paraná (UNISEP). Dois Vizinhos, 2004.

SAQUET, Danieli B. A expansão da indústria de confecções no sudoeste do Paraná, **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 55-78, jul./dez. 2008.

TELLES, V. S. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo Social**, São Paulo, 18(1):173-195, 2006.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, 3 vol.

\_\_\_\_\_. **Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”. In: \_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, P 267 -304.

VARUSSA, R. J. Experiências de Trabalhadores na Justiça do Trabalho. In: CARDOSO, Heloisa H. P.; MACHADO, Maria Clara T. (Orgs.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

\_\_\_\_. “Disputas na justiça do trabalho: memórias e histórias a partir do Oeste do Paraná”(década de 1980 a 2000). **Diálogos**, Maringá, v. 13, n. 2, p.442, 2009.

VIEIRA, Maria do Pilar et al. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

ZAMBON, Edvander Rodrigo. **Análise das indústrias têxtil e da madeira e do mobiliário na geração de empregos no município de Ampére-PR no período de 1985 a 2010**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas), Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Francisco Beltrão – PR, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

## **DECLARAÇÃO DE AUTORIA**

Eu Marindia Borges Paini, declaro para os devidos fins que o conteúdo deste Trabalho de Conclusão de Curso é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto totais direitos e responsabilidades sobre ele.

Nome Do Acadêmico. Marindia Borges Paini

---